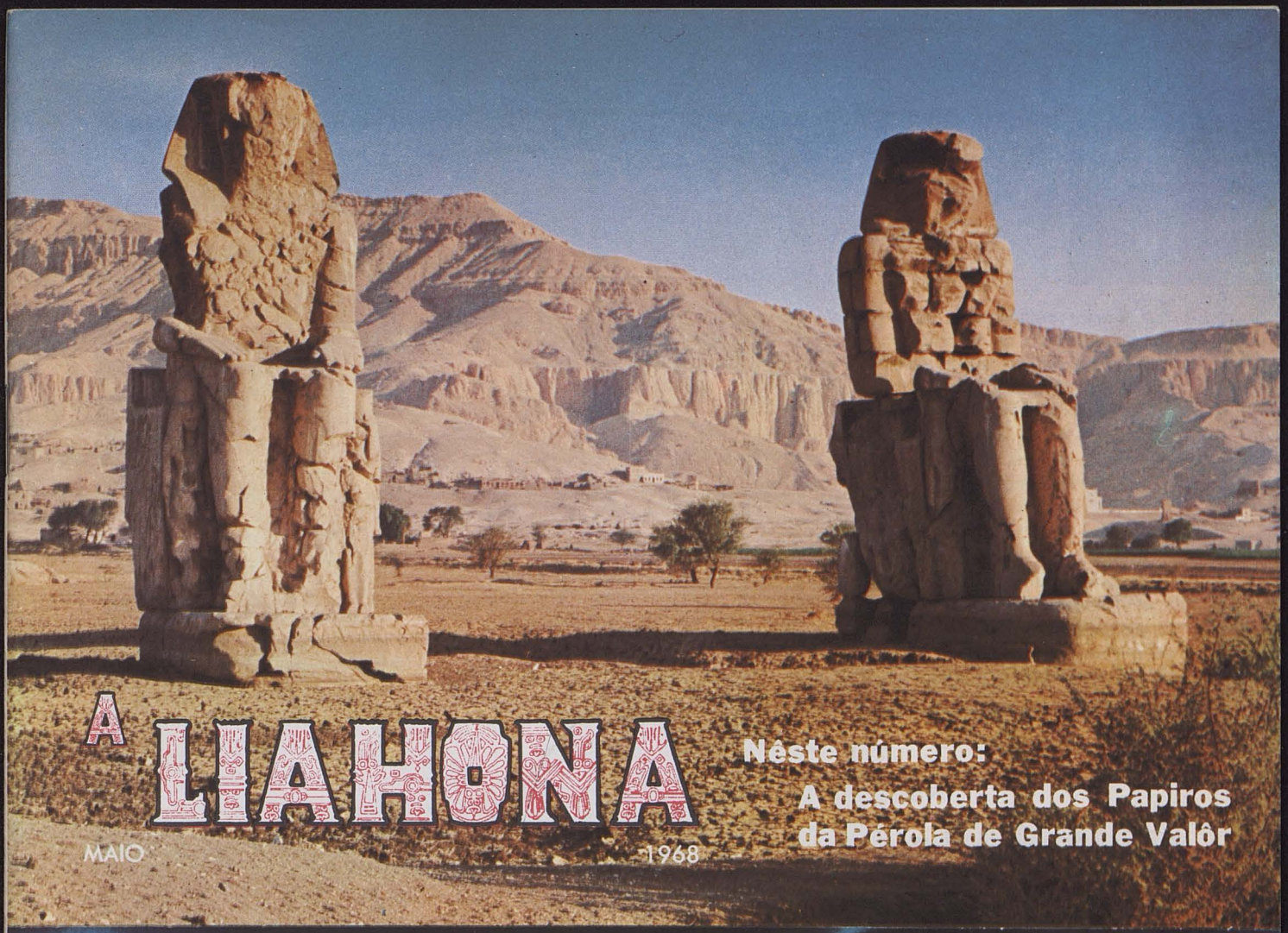


A LIAHONA

Nêste número:

A descoberta dos Papiros da Pérola de Grande Valôr

MAIO 1968





Mensagem de

Ezra Taft Benson

do Conselho dos Doze

Estamos empenhados na maior obra de todo o mundo — sim, na maior obra de todo o universo — a salvação e exaltação dos filhos de nosso Pai — nossos irmãos e irmãs. Somos os guardiões da verdade — dos princípios da salvação que, quando aplicados, edificarão, salvarão e exaltarão o homem.

O Senhor nos deu o esbôço geral da organização, os propósitos e os objetivos, mas, a nós cabe a elaboração dos métodos. Aqui começa o papel da liderança e da correlação; por isto, diversas partes do programa, tal como a sábia delegação de responsabilidades, estão sendo estudadas...

Esta é a organização do Senhor através da qual operamos.

Trabalhamos com obreiros voluntários — filhos de nosso Pai, a quem Êle ama apesar de seus êrros e fraquezas.

Ao delegar não podemos nos valer da fôrça, da coação ou da intimidação. Para sermos bem sucedidos e delegar com sabedoria, devemos buscar e obter o espírito.

Neste Número

Mensagem de Inspiração. Ezra Taft Benson	2
"... O Aperfeiçoamento dos Santos..." David O. McKay	3
A Antiga Terra do Egito. Doyle E. Green	5
Redescobertos Papiros Egípcios. Jay M. Todd	8
"... Sôbre a Educação." Bispado Presidente	13
História da Igreja com um Sabor Feminino. Kenneth W. Godfrey	15
Seção das Crianças	
Uma Lâmpada a Ser Acesa. Linn F. Stoddard	22
Desenvolvimento Pessoal na AMM	25
Um Caso de Família. Rosalind Farnsworth	27
A Unidade Familiar. Genealogia	29
A Partir de Cumorah - XXIV. Hugh Nibley	31
Minha Mãe. Casemiro de Abreu	36

Capa

A Capa dêste mes tem um significado especial. Estamos nela reprodu zindo no tamanho e côres originais, uma fotografia do papiro do qual Joseph Smith obteve o Facsímile nº 1, apresentando no Livro de Abraão. Êste valioso manuscrito, e mais outras dez peças de papiro, que foi propriedade de Joseph Smith, foi recentemente descoberto e doado à Igreja. (Leia o artigo na página 8).

A outra foto que ilustra a capa foi tomada no alto Egito por Doyle E. Green. Mostra as vizinhanças onde os rôlos de papiros que continham o manuscrito do Livro de Abraão e outros escritos permaneceram enterrados por séculos em um túmulo. (Leia o artigo ilustrado na página 5).

Vol. 21 — Maio de 1968 — Número 5

A LIAHONA

Publicação Mensal editada pela Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias

Editor
Hélio da Rocha Camargo
Redator
F. Máximo

Centro Editorial Brasileiro
R. São Tomé, 520 - V. Olímpia
CP 19079, São Paulo, SP - Tel. 80-9675

Estaca São Paulo
R. Iguatemi, 1980
São Paulo, SP

Missão Brasileira
R. Henrique Monteiro, 215, São Paulo
SP, CP 862, Tel. 80-4638

Missão Brasileira do Sul
R. Gen. Carneiro, 490, Curitiba, Pr.
CP 778, Tel. 4-8016

Missão de Construção
R. Itapeva, 378, São Paulo, SP
Tel. 33-6761

"A LIAHONA" — Órgão Oficial da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias em língua portuguêsa, acha-se registrado sob o número 93 do Livro B, n.º 1, de Matrículas de Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto n.º 4.857 de 9-11-1930. Composto por Interlinograf, R. dos Andradas, 127. Fotolitos: Lastri S/A, R. da Independência, 362/382. Impresso nas oficinas da **Litográfica Comercial.**

Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar sòmente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas tôdas as colaborações para apreciação da redação e do "staff" internacional do "Unified Magazine".

Subscrições: Tôda a correspondência sôbre assinaturas deverá ser dirigida ao: *Departamento de Assinaturas*, Caixa Postal 19079. Assinatura anual para o Brasil: NCr$ 5,00; para o Exterior, simples: US$ 3,00; para o Exterior, via aérea: US$ 7,00. Preço do Exemplar avulso em nossa Agência: NCr$ 0,50; exemplar atrasado NCr$ 0,80. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando o antigo e o nôvo endereço, devendo-se aguardar 8 semanas para o processamento postal.

Importante
Tôda a correspondência deve ser endereçada a
CENTRO EDITORIAL BRASILEIRO
Caixa Postal 19079, São Paulo, SP



Presidente
David O. McKay

"...O Aperfeiçoamento dos Santos..."

E êle mesmo concedeu uns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas e outros para pastores e mestres;
"com vistas ao aperfeiçoamento dos santos, para o desempenho do seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo, até que todos cheguemos à unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, à perfeita varonilidade, à medida da estatura da plenitude de Cristo." (Ef. 4:11-13)

Quando se fala no programa de correlação, é isto que se tem em mente. É isto que os irmãos do sacerdócio e os membros, têm em mente porque são servos do Altíssimo. Êle lhes deu a responsabilidade de aperfeiçoar os santos, de trabalhar no seu ministério para a edificação dos santos de Deus; e o objetivo é o aperfeiçoamento do indivíduo.

Citaremos como exemplo o programa do ensino familiar e o programa das reuniões familiares, dois setores muito importantes e que agora funcionam como parte do programa de correlação.

O ensino familiar é uma das oportunidades mais prementes e compensadoras de que dispomos para nutrir e inspirar, para aconselhar e orientar os filhos de nosso

Pai, em tudo o que diz respeito à vida. Através dos quoruns do sacerdócio e sob a direção do bispo, o ensino familiar leva aos lares a mensagem do evangelho, a mensagem da vida e da salvação e do amor fraterno, e assim, torna-se a primeira e principal oportunidade de ensino na Igreja.

Para a meticulosa preparação do ensino familiar é preciso ter em mente três coisas: primeiro, conhecer aquêles a quem vamos ensinar. Da mesma forma como tôdas as famílias diferem entre si, assim também cada indivíduo de uma família é diferente dos demais. Os métodos e as mensagens devem variar de acôrdo com cada indivíduo e de acôrdo com seus problemas e necessidades.

A fim de cumprirmos cabalmente nosso dever como mestre familiar, devemo-nos manter sempre atentos às atitudes, atividades e interêsses, problemas, emprêgo, saúde, felicidade, planos e propósitos, às necessidades e circunstâncias físicas, temporais e espirituais de cada um — de cada criança, cada jovem e cada adulto nos lares e famílias que estão sob nossa guarda e cuidados, na qualidade de portadores do sacerdócio e representantes do bispo.

Segundo, ter conhecimento sôbre o que devemos ensinar. É dever do mestre familiar ensina. que Jesus, o Cristo, é o Redentor do mundo; que Joseph Smith e seus sucessores são profetas de Deus; que o evangelho foi restaurado; e que a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é dirigida por Deus e proporciona felicidade, vida eterna e exaltação a todos que estejam dispostos a aprender e a viver seus princípios. A seriedade do nosso testemunho e a sinceridade do nosso trabalho dará àquêles a quem ensinamos, o propósito e desejo de integrar-se plenamente na Igreja.

Terceiro, conhecimento de como ensinar. Tomando algumas palavras de Doutrina e Convênios e aplicando-as a êsse propósito, o mestre familiar deve "visitar o lar de cada membro", e ensinar, explicar e exortar todos a orar em voz alta e em segrêdo; cumprir tôdas as obrigações da família e "zelar sempre pela igreja, estar com os membros e fortalecê-los" — e isto sempre, não importando como, quando e o que seja necessário. Ver D&C 20:47-53).

O ensino familiar é um serviço divino, um chamado divino. E como mestres familiares, é nosso dever levar o espírito divino a cada lar e a cada coração. Amar o trabalho e desempenhá-lo da melhor forma possível trará a todo mestre nobre e dedicado dos filhos de Deus, paz, felicidade e satisfação sem limites.

Recomendamos que os manuais para as reuniões familiares sejam usados com flexibilidade, que sejam adaptados às circunstâncias de cada família em particular, que os pais que possuem filhos em Sião reconheçam sua obrigação de ensinar seus filhos a compreender, a orar e a andar retamente perante o Senhor. E mais uma vez, com a maior insistência, acentuamos que nenhum outro sucesso pode compensar o fracasso no lar.

Recomendamos com insistência e seriedade que os pais mantenham suas famílias unidas, e junto a si, para que aprendam a verdade e a retidão, o amor fraternal e a lealdade. O lar é o alicerce de uma vida virtuosa, não há o que possa substituí-lo nem preencher suas funções essenciais. Os problemas difíceis da atualidade não encontram solução melhor em outro lugar qualquer, por outra influência qualquer, por nenhum outro meio, do que através do amor e retidão, preceito e exemplo, e dedicação ao dever no lar.

Que sejam abençoados ao ensinar e cuidar e atrair para junto de si aquêles que Deus lhe confiou, e a zelar pelos seus. E se agirem assim, o amor no lar e a obediência aos pais aumentarão, e a fé se desenvolverá nos corações da juventude de Israel; ela ganhará fôrças para combater as influências e tentações malignas, para escolher a retidão e paz e assim assegurar um lugar eterno no seio da família de nosso Pai.

Deus está guiando esta Igreja. Seja fiel a ela. Seja fiel e leal à sua família. Proteja seus filhos. Oriente-os, não arbitràriamente, mas através do exemplo de um pai bondoso, uma mãe amorosa, contribuindo assim para o fortalecimento da Igreja ao magnificar o sacerdócio no seu lar e na sua vida.

A Antiga Terra do

EGITO

Vizinha da Palestina
Refúgio dos Profetas

Doyle E. Green

Editor Associado de The Improvement Era

A recente descoberta e devolução à Igreja de uma coleção de manuscritos egípcios que pertenceram ao Profeta Joseph Smith e parte dos quais se refere ao Livro de Abraão, da Pérola de Grande Valor, fêz reviver o interêsse pelo antigo Egito.

O Egito é realmente um país antigo, cuja história remonta a mais de 5.000 anos. Mesmo que fôsse sòmente pelo motivo de que uma sepultura nas colinas do deserto abrigou, protegeu e preservou por centenas de anos os inestimáveis escritos de Abraão, a terra do Nilo mereceria um lugar de honra em nossos pensamentos.

Mas, o Egito foi muito mais do que o preservador dos papiros. Abrigou e alimentou Abraão e Sara quando a Palestina foi assolada pela fome. Mais tarde, tornou-se o lar de José e o refúgio de seu pai Jacó e sua família quando a Terra Santa foi novamente atingida pela falta de alimentos. É verdade que quando "se levantou nôvo rei sôbre o Egito, que não conhecera a José" (Ex. 1:8), os filhos de Israel cairam em escravidão. Ainda assim, êsse país africano proporcionou um lar aos israelitas até que o Senhor, por intermédio de Moisés, os libertou do cativeiro e os levou de volta à terra prometida.

Também por ter fornecido um abrigo seguro ao menino Jesus, devemos gratidão ao Egito. Pois foi a êste país que José, seguindo as instruções de um anjo, levou o infante e sua mãe, a fim de evitar que fôsse assassinado pelos soldados do inescrupuloso Herodes.

Os escritos de Abraão revelam que o Egito foi descoberto primeiramente "por uma mulher que era filha de Cão e filha de Egyptus...

"Quando esta mulher descobriu a terra, esta estava sób a água, e posteriormente estabeleceu seu filhos nela...

"...êste primeiro govêrno do Egito foi estabelecido por Faraó, o filho mais velho de Egyptus, filha de Cão, e o foi segundo o costume do govêrno de Cão que era patriarcal.

"Faraó, sendo homem justo, estabeleceu seu reinado e julgou seu povo sábia e justamente todos os seus dias, procurando imitar sinceramente as ordens que os patriarcas estabeleceram nas primeiras gerações, nos dias do primeiro reino patriarcal, mesmo no reino de Adão, e também de Noé, seu pai..." (Abraão 1: 23-26)

Na Bíblia, o Egito é mencionado pela primeira vez no décimo segundo capítulo de Gênesis. Essa Escritura nos relata que quando Abraão chegou a Canaã, vindo de Harã, a região se achava assolada pela fome. Seguiu então para o Egito. Êste relato é confirmado pelo que encontramos no Livro de Abraão "E eu, Abraão, viajei continuando ainda na direção do sul; e havia uma continuação de fome na terra; e eu Abraão, decidi ir para o Egito, para morar lá, porque a fome se tinha agravado bastante." (Abrão 2:21)

As escrituras não nos contam qual a região do Egito escolhida por Abraão ou quanto tempo lá permaneceu. Naquela época a sede do govêrno e residência do faraó pode ter sido em Mênfis, próxima à atual localização da cidade do Cairo, cêrca de 440 quilômetros de Jerusalém; ou então, em Tebas, distando mais 600 quilômetros, às margens do Nilo.

De qualquer modo, as múmias e papiros que chegaram às mãos de Joseph Smith em julho de 1835, foram encontrados perto da antiga cidade de Tebas.

Por causa de Abraão e dêsses papiros, os turistas Santos dos Últimos Dias que visitam o Alto Egito têm um interêsse especial pelos templos e túmulos próximos das atuais cidades de Luxor e Karnak.

O templo de Karnak é considerado como a maior estrutura colunar jamais construída pelo homem. Os monólitos e enormes estátuas dos faraós são suficientes para atordoar nossa imaginação.

Certa manhã, bem ao nascer do sol, atravessamos o Nilo a fim de visitar as tumbas e os templos funerários de Tebas ocidental. Meu maior interêsse era a tumba de Tutancâmon no Vale dos Túmulos dos Reis. Eu cursava o segundo ano do curso primário quando se deu a fabulosa descoberta. E sua história cheia de intrigas, romance e as fabulosas riquezas dêsse achado maravilhoso, contados por um bondoso professor, impressionaram sobremaneira o menino de então. Esta fôra uma das tumbas que não haviam sido saqueadas pelos ladrões de túmulos e proporcionou ao cientista rara oportunidade de aprender mais sôbre a vida e os tempos dos antigos egípcios. A maior parte daquelas riquezas foi removida para o museu do Cairo, mas



Afirmam os egiptólogos que alguns dos templos egípcios ficaram em construção por um período de 2.000 anos. Os templos construídos pelos faraós mais antigos foram posteriormente alterados e ampliados pelos seus sucessores. Este templo acha-se em Luxor.

Estes monolitos do Templo de Karnak medem cêrca de 30 metros de altura e pesam mais de 350 toneladas cada um.





No Templo de Luxor, no alto Egito, encontra-se esta formidável e bem preservada estátua de um faraó sentado. O seu tamanho, e o das colunas, pode-se avaliar pelo das pessoas vistas no canto esquerdo da foto.

As colunas que mostram aqui evidentemente jamais foram completadas, uma vez que a maioria das colunas egípcias eram polidas e recobertas de figuras.



algumas foram deixadas no túmulo para o deleite dos visitantes.

Nosso guia ficou surpreso quando lhe pedimos para ver o túmulo número 33. Não podia compreender o porque dêsse nosso desejo. Havíamos examinado e explorado diversas tumbas mais profundas, ricas e conhecidas. Além do mais, explicou, não seria possível visitar tal túmulo porque era usado como depósito. Contudo, insistimos, explicando-lhe que tinha um significado todo especial para nós. Pois o túmulo número 33, na opinião de alguns de nossos especialistas nêsse assunto, foi onde permaneceram por muitos séculos os manuscritos de Abraão, e que se tornaram tão importantes para os membros da Igreja.

Parados na depressão fora da tumba, ficamos a pensar e falar sôbre Abraão e o fato incrível da preservação dos papiros que continham seus escritos, e a história também incrível de como sobreviveram tantos e tantos anos e depois foram ter às mãos do Profeta Joseph Smith.

Lembramo-nos e falamos também do outro José aquêle que foi ter ao Egito vendido como escravo e que mais tarde tornou-se um dos homens mais importantes do govêrno. Os historiadores situam o início de sua história na terra do Nilo no ano de 1728 A.C. Desde então até cêrca de 1491 A.C., quando aconteceu o grande êxodo dos israelitas, a história dos filhos de Israel e do Egito está portanto ìntimamente entrelaçada. O Profeta Joseph Smith declarou que um dos rolos de papiros continha "os escritos de José do Egito" (**História da Igreja,** vol. 2, pág. 236). Pelo que consta esta parte dos manuscritos nunca foi traduzida.

Durante a nossa viagem pelo Egito, ficamos curiosos sôbre qual teria sido o lugar exato onde José de Nazaré levou Maria e o Menino Jesús quando fugiram de sua terra. Diversos pesquisadores qualificados são de opinião de que poderia ter sido uma colônia de judeus perto de Cairo. Seria provável que José buscasse refugiar-se entre seus conterrâneos. Se de fato para lá se dirigiram, é possível que tenham visto as grandes pirâmides e olharam também o rosto da esfinge. Consta que a esfinge seja talvez o mais antigo monumento do mundo e provàvelmente já tinha mais de 2.500 anos quando Cristo nasceu. Tem corpo de leão e rosto humano, 72 metros de comprimento e 20 metros de altura. Diz que seu rosto retrata o faraó Quéfren, construtor da segunda pirâmide. A maior delas, a pirâmide de Gizé", foi construída pelo faraó Queops. Foi construída com mais de dois milhões de blocos de calcáreo e granito, cada um dêles pesando cêrca de 2,5 toneladas.

As maravilhas executadas pelos antigos egípcios, ainda existentes ao longo do Nilo, desde o Cairo até Assuan, atordoam a imaginação até mesmo do homem moderno. A extensa cultura que proporcionaram ao mundo teve uma influência duradoura. Mas, para muitos de nós, seu maior interêsse reside no fato de que o Egito foi vizinho da Palestina, proveu um refúgio para os profetas e foi um instrumento utilizado por Deus para ajudá-lo a realizar seus desígnios.

Esperamos que êste breve esbôço somado às ilustrações, proporcione um adequado pano de fundo e aumente o interêsse pelo artigo sôbre a descoberta dos papiros.

Redescobertos Os Papiros Egípcios

Jay M. Todd

Editor Associado de The Improvement Era



Cerimônia oficial de apresentação, realizada em Nova Iorque, na qual o Pres. Tanner recebeu os papiros das mãos do Dr. Thomas P. F. Hoving.

Talvez nenhuma das descobertas mais recentes venha a despertar um interêsse maior pelo evangelho restaurado do que a redescoberta de alguns papiros egípcios, de um dos quais sabe-se ter sido utilizado pelo Profeta Joseph Smith na elaboração do Livro de Abraão.

Êsses papiros, que há muito se supunha terem sido destruídos pelo incêndio de Chicago em 1871, foram entregues à Igreja em 27 de novembro de 1967 na cidade de Nova York pelo Museu Metropolitano de Arte, mais de um ano após a sua redescoberta pelo Dr. Azis S. Atiya, ex-diretor do Centro de Estudos do Oriente Médio da Universidade de Utah, ao examinar a coleção de papiros do museu.

A coleção de 11 manuscritos inclui um documento identificado como o documento original do qual Joseph Smith obteve o fac-símile que prefacia o Livro de Abraão da Pérola de Grande Valor. Acompanha a coleção uma carta datada de 26 de maio de 1856, assinada por Emma Smith Bidamon, viuva de Joseph Smith, e seu filho, Joseph Smith, atestando que os papiros pertenceram ao Profeta.

Alguns dêsses fragmentos de papiros contêm hieróglifos convencionais (inscrições sagradas, lembrando figuras desenhadas) e hieráticos (versão cursiva simplificada de hieróglifos) representando aparentemente textos funerários que comumente eram sepultados junto com a múmia. Êsses testos freqüentemente continham passagens do "Livro dos Mortos", livro êsse destinado a auxiliar na passagem segura

do morto ao mundo espiritual. Até agora não se sabe se os 10 papiros restantes têm alguma relação direta com o Livro de Abraão.

Foi descoberto também que no papel usado para reforçar três dos manuscritos (supõe-se que o refôrço foi colado no verso dos frágeis manuscritos pelo Profeta Joseph Smith, a fim de lhes dar um suporte firme) existem algumas anotações, esboços de mapas e, presume-se, anotações de municípios, em caligrafia que se pensa ter sido a de Joseph Smith. Sua importância ou significado ainda não foram determinados, mas serão de grande interêsse para os historiadores SUD.

Os manuscritos foram apresentados ao Presidente N Eldon Tanner da Primeira Presidência por Thomas P. G. Hoving, diretor do Museu Metropolitano de Arte em uma notável cerimônia realizada no museu de Nova York e documentada pelas agências noticiosas internacionais. Depois de terem sido expostos nas instalações da Igreja em Salt Lake City, os manuscritos foram entregues ao Dr. Hugh Nibley, erudito lingüista especializado da Universidade de Brigham Young.

A história da maneira estranha pela qual o Profeta Joseph Smith obteve os papiros originais e as quatro múmias é bastante conhecida e plena de aventura e fascínio. Mas não mais do que a descoberta dos mesmos no Museu Metropolitano de Arte pelo Dr. Aziz S. Atiya, e que êle nos relata com suas próprias palavras:

"Naquela ocasião estava escrevendo um livro, que iniciara quando ainda lecionava história do cristianismo no mundo e no oriente, e fui ao Museu Metropolitano de Arte à procura de documentos, papiros, fotografias e ilustrações para o mesmo. Deve ter sido no início da primavera de 1966, não me recordo da data exata. O livro já estava pronto para ser impresso e eu procurava algum material suplementar.

"Achava-me numa sala pouco iluminada, para onde traziam-me o material solicitado, quando algo me chamou atenção e pedi a um dos assistentes que me permitisse transpor a barra que limitava o depósito de documentos a fim de escolher mais alguns. Alí encontrei um arquivo contendo os manuscritos. Imediatamente reconheci a parte ilustrada e sabia que constava da Pérola de Grande Valor. Conhecia o formato geral da reprodução. Êste tipo de figuras são muito encontrados em outros papiros, mas esta tem alguns pormenores especiais. Por exemplo, faltava um fragmento onde deveria estar a cabeça, e pude notar que o papiro fôra colado sôbre um pedaço de papel, papel fabricado no século dezenove. O desenho da cabeça fôra completado a lápis, aparentemente por Joseph Smith, que já devia possuí-lo quando o fragmento se desprendeu. Êle provàvelmente desenhou a cabeça com suas próprias mãos no fôrro de papel. Também, as mãos erguidas da múmia, bem como a perna são um pormenor característico, pois em geral são reproduzidas completamente deitadas. Êste papiro é egípcio, sem dúvida alguma, mas o que significa eu realmente não sei.



Os Drs. Azis S. Atiya, Joseph Noble, Thomas P. F. Hoving e o Pres. Tanner comparam o Facsímile n.o 1 com o papiro original.

"Ao ver isto, continuei a procurar e encontrei mais peças de papiros empilhadas e suspeitei que fôra obra da providência. Um outro documento foi encontrado junto a êles, assinado pela espôsa de Joseph Smith, seu filho e mais outra pessoa, atestando que os papiros haviam pertencido a Joseph Smith.

"Em 1918, uma certa sra. Heusser procurou o museu e declarou aos encarregados que possuia alguns papiros, porém não conseguiram chegar a nenhum acôrdo até 1947, quando foram adquiridos pelo museu. Logo depois os curadores das antiguidades egípcias foram substituídos e o assunto todo esquecido.

"Quando vi êsses documentos fiquei realmente desconcertado. Conheço a comunidade mórmon, o que repre-

senta, suas Escrituras, etc., e logo disse que êsses documentos não deveriam estar ali — pertencem à Igreja Mórmon. É bem verdade que os encarregados do museu são amigos meus e tentei convencê-los a ceder os manscritos à Igreja. Informei minha boa amiga, sra. Taza Peirce, secretária executiva do Conselho para os visitantes internacionais de Salt Lake City, e discutimos a maneira de informar a comunidade mórmon sôbre o achado. Ela sugeriu que eu procurasse o Presidente Tanner e foi o intermediário que combinou e presenciou os dois primeiros encontros. Depois passei a entender-me diretamente com o Presidente Tanner, e êste me disse que a Igreja estava muito, muito interessada mesmo, e faria tudo ou pagaria qualquer preço para reavê-los. Desde então temos trabalhado sigilosamente procurando tornar possível essa transferência.

"Nêsse tipo de assuntos, procuro não me apressar. É preciso ser paciente. Após alguma persuasão e argumentação o museu, finalmente, submeteu um memorando sôbre o assunto à consideração de seu conselho de curadores. Passou-se muito tempo até chegarmos a êsse ponto. O conselho discutiu o assunto exaustivamente, mais do que vocês possam imaginar, e, finalmente, chegou à conclusão de que, uma vez que o museu dispunha de muitos papiros dêsse tipo, não havia motivos para não cedê-los à Igreja.

"Após terem tomado essa generosa decisão, o diretor telefonou-me e também comunicou-a por escrito. Seguiu-se um período de inatividade, pois o diretor seguiu para o Egito e lá permaneceu durante um mês.

"Quando retornou, comunicou-se comigo, e muito gentilmente referiu-se ao assunto dizendo, 'Já ficou decidido que seus amigos mórmons recebam êsses papiros. Assim, pois, procure seus amigos e o Presidente da Igreja e combine o necessário para a cerimônia de entrega.'

"É evidente que o Presidente Tanner ficou tão emocionado quanto eu. Êle informou o Presidente McKay que também ficou muito entusiasmado.

"Decidimos então sôbre como deveria ser organizada a cerimônia.

"Sentí-me muito honrado e imensamente satisfeito de aparecer ao lado de pessoas tão distintas quanto o Presidente Tanner e o sr. Thomas P. G. Hoving, diretor do museu. É uma pessoa muito importante, bem como seu assistente e vice-diretor, o Dr. Joseph Noble.

"Todos êles se achavam presentes e, surpreso, vi que os papiros haviam sido acondicionados cuidadosamente num lindo estojo.

"Na manhã daquêle dia fiz questão de chegar bem cedo, bem antes da hora combinada para o encontro dessas personalidades, a fim de certificar-me de que os papiros estavam em ordem — não apenas êstes, pois o mais importante era o documento que os acompanha. Tratava-se de uma carta desbotada escrita em caligrafia do século passado. Descobriu que o museu a havia fotografado. Bem, naturalmente êles já o haviam tentado anteriormente, sem grande sucesso, pois se tratava de papel azul muito desbotado. Agora recorreram à fotografia com raios infra-vermelhos e ultra-violetas e conseguiram uma reprodução muito mais nítida que o original.

"Eu estava encantado com a descoberta dos papiros que haviam pertencido a Joseph Smith, mas as descobertas não terminaram ali. Certa manhã, ao reexaminar os papiros, fiquei a revirá-los de cima para baixo repetidas vêzes e eis que encontro no verso do papel sôbre o qual haviam sido grudados anotações, mapas e uma enumeração de municípios e materiais do mais elevado valor para a história mórmon na caligrafia, penso eu, de Joseph Smith. Três dos fragmentos de papel estavam cheios de anotações e mapas que merecem ser estudados pelos especialistas. Eu não o sou, mas sei reconhecer documentos originais e êsses papiros não são falsificações, são papiros egípcios originais de uma época pré-cristã.

"Conheço a tinta usada pelos egípcios e a diferença entre a genuina e a imitada. Era costume colocar papiros manuscritos junto às múmias — papiros dos mais diversos tipos — mas quase sempre do "Livro dos Mortos", que assegurariam à múmia passar com segurança para o mundo do além. Às vêzes eram coloridos — pode-se encontrar papiros semelhantes coloridos de azul, dourado e vermelho. Não era uma coisa fora do comum. Com respeito à tinta, esta era geralmente feita de fuligem e cola, e por isso não desbotava com o passar dos tempos. Eram geralmente escritos pelos sacerdotes — êstes possuiam grande habilidade. Usavam penas feitas de junco, rachadas ao meio e aguçadas nas pontas.

"Os egípcios dispunham da planta chamada papiro e costumavam lascar os talos em camadas finas que colocavam umas sôbre as outras em sentido cruzado e depois de triturá-las batendo com martelo de madeira uniam-nas com cola. O produto resultante era depois cortado na medida apropriada para o documento que desejavam — geralmente em forma de tiras longas a fim de formar rolos, como os dêstes manuscritos.

"Vocês sabiam que a notícia desta descoberta apareceu na imprensa egípcia no dia seguinte à cerimônia de entrega? Na primeira página dos mais importantes jornais! Vocês ficariam admirados com o interêsse que esta descoberta suscitou, e aparentemente os egípcios ficaram muito satisfeitos com a divulgação dêsses documentos."

O fato de a descoberta ter sido feita pelo Dr. Atiya e também ter atestado tão veementemente sôbre a autenticidade dos manuscritos como sendo os que Joseph Smith usou em parte para traduzir o Livro de Abraão não deixa de ser importante. O Dr. Atiya é um cientista e pesquisador renomado internacionalmente de manuscritos egípcios e árabes.

Êle é um dos três renomados, catedráticos universitários muito conhecido pelas conferências e obras produzidas enquanto lecionava nas universidades de Michigan, Columbia, Princeton, Liverpool, London, Zurique, Cairo e Alexandria.

Sôbre a descoberta do Dr. Atiya poderia ser dito o

mesmo que Parley P. Pratt disse sôbre o recebimento das múmias e papiros por Joseph Smith: "É extranha a providência pelas quais êsses registros antigos vieram às mãos do servo do Senhor, Joseph Smith."

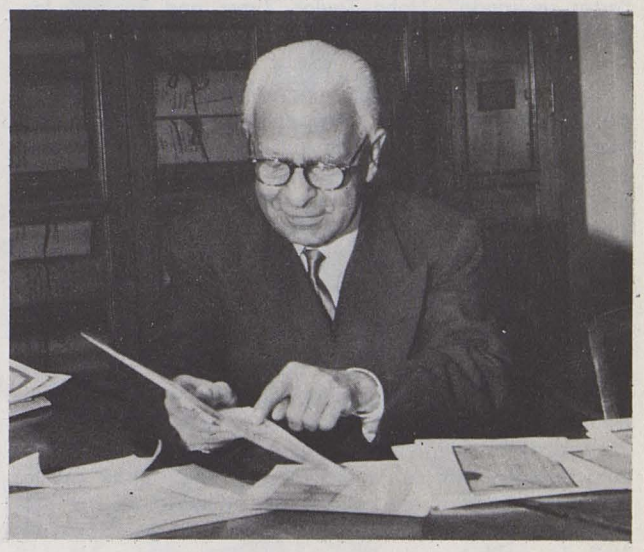
Na verdade, a história de como Joseph Smith obteve os papiros é muito fascinante, aparentemente cheia de orientação da providência. Alguns dos detalhes ainda são desconhecidos, apesar de que a pesquisa continua a produzir pequenas informações adicionais todos os anos, mas em linhas gerais o episódio é contado da seguinte forma: A conquista do Egito por Napoleão nos anos de 1798-99, despertou a atenção mundial em relação à terra dos faraós, e o Egito foi logo invadido por uma porção de expedições, tanto científicas quanto de saqueadores de catacumbas e antigos locais de sepultamento. Um dêsses aventureiros interessado em antiguidades egípcias foi um piemontês chamado Antonio Lebolo, que trabalhava como agente para o poderoso "barão" de antiguidades daquela época, Bernardino Drovetti. Enquanto no Egito, ao que presumimos agora, em 1817, Lebolo obteve a permissão de explorar as catacumbas de Tebas. Descobriu uma tumba subterrânea perto do lugar chamado Gurneh, próximo a Tebas e que abriga muitas múmias. Entregou as melhores a Drovetti mas conseguiu ficar com algumas para si mesmo. Mais tardeu partiu do Egito para a França, via Trieste, levando algumas múmias, onze das quais finalmente chegaram à América.

Em Trieste êle adoeceu e veio a falecer.

Lebolo havia legado as múmias a seu sobrinho Michael H. Chandler, que supunha estar morando na Irlanda, para onde foram remetidas, presumìvelmente, via Londres. Os amigos dêste as reembarcaram para Filadélfia nos Estados Unidos onde Chandler vivia naquela época. E assim, as múmias chegaram finalmente à alfândega de Nova York.

Os cientistas têm declarado que parece quase um milagre que as múmias e seus importantes documentos tenham navegado com segurança através das águas revoltas dos negociantes de antiguidades, saqueadores de túmulos, agentes desonestos e rivais em busca de múmias, para enfim encontrarem guarida segura no pôrto de Nova York.

Em abril de 1833, Michael H. Chandler pagou as taxas alfandegárias, retirou as múmias e desfez a embalagem. Ficou desapontado por não encontrar jóias ou algo de elevado valor monetário, mas achou diversos rôlos de papiros. Parece que a providência divina se manifestou mais uma vez, pois enquanto ainda se encontrava nas dependências da alfândega, Chandler foi informado que na cidade não existia quem pudesse traduzir os manuscritos, mas "foi informado pelo mesmo senhor (um estranho) que Joseph Smith Jr. possuia alguma forma de poder ou dom, pelos quais já traduzira caracteres semelhantes."



O Dr. Azis S. Atiya examina os manuscritos na sala em que encontrou os papiros e os documentos assinados por Emma Smith.

Sòmente depois de mais de dois anos, em 3 de julho de 1835, Chandler encontrou-se com o Profeta Joseph Smith e perguntou-lhe se tinha o poder de traduzir os rôlos, ao que êle replicou afirmativamente. O Profeta registrou que deu a Chandler a interpretação de algumas partes dos rolos.

Êste ficou tão impressionado que escreveu um certificado testificando que Joseph Smith decifrara os antigos caracteres hieroglíficos egípcios, "correspondendo nos mínimos detalhes" ao que êle, Chandler, soubera dos "mais eruditos".

O Profeta relata em sua **História Documentária da Igreja** (vol. 2, pág. 236): "Pouco tempo depois, alguns dos santos de Kirtland compraram as múmias e os papiros, o que será descrito mais adiante, e auxiliado por W. W. Phelps e Oliver Cowdery como escreventes, iniciei a tra-

dução de alguns dos caracteres ou hieróglifos, e para alegria nossa descobrimos que um dos rôlos continha os escritos de Abraão e outro, os de José do Egito..."

Quanto às quatro múmias o Profeta geralmente admitia desconhecer que haviam sido. Certas fontes secundárias registraram que o Profeta as identificara como sendo de um faraó, uma rainha, uma princesa e um escravo. Sabe-se que os rolos de papiros foram encontrados junto a uma das múmias femininas. Quanto aos rolos, tem-se conjeturado que parecem ser registros originais ou cópias dêstes, escritos por Abraão e seu bisneto José e mantidos em dia por sucessivos escrivães e faraós pelo espaço de milhares de anos.

O resultado é bem conhecido pelos Santos dos Últimos Dias. O Profeta interpretou alguns dos escritos dos rôlos e estas interpretações mais os fac-símiles 1, 2 e 3 formam nosso atual Livro de Abraão. Sabe-se também que o Profeta prometeu divulgar "trechos adicionais do Livro de Abraão" além dos que possuímos, mas seu martírio impediu a publicação do material que êle afirmara "estar revisando". (John Taylor, **Times and Seasons,** fev. de 1843).

De qualquer maneira, após o martírio do Profeta, as múmias e os manuscritos foram entregues à sua mãe, Lucy Mack Smith. Por ocasião de sua morte em maio de 1855 as múmias e os manuscritos estavam sob a guarda de Emma Smith Bidamon, na companhia de quem vivera os dois últimos anos. Emma Smith Bidamon era a viuva do Profeta e casara-se com L. C. Bidamon. Pouco mais de um ano mais tarde, Emma vendeu-os a um certo sr. A. Coombs.

E foi esta carta de venda, dirigida ao sr. A. Coombs e assinada por Emma Smith Bidamon, datada de 26 de maio de 1856, que foi encontrada pelo Dr. Atiya juntamente com os onze fragmentos de papiros. A carta diz: "Essa certifica que vendemos ao sr. A. Coombs quatro múmias egípcias com os respectivos registros. Estas múmias foram encontradas em catacumbas no egito a uma profundidade de 18 metros abaixo da face da terra, pela sociedade antiquária de Paris e remetidas a Nova York e compradas pelo profeta mórmon Joseph Smith ao preço de dois mil e quatrocentos dólares no ano de mil oitocentos e trinta e cinco e muito apreciadas pelo sr. Smith devido à importância que dava aos registros que foram encontrados acidentalmente encerrados no busto de uma das múmias. Das traduções dos registros feitas pelo Sr. Smith, sabe-se que estas múmias são a família de Faraó, rei do Egito. Estiveram sob a guarda exclusiva do Sr. Smith até a sua morte e depois, da mãe do Sr. Smith, não obstante termos tido repetidas ofertas de compra que foram recusadas invariàvelmente até seu falecimento ocorrido em 14 de maio próximo passado." assinada "L. C. Bidamon, Emma Bidamon, Joseph Smith (seu filho). Nauvoo, condado de Hancock, Ill., maio 26."

A próxima referência sôbre as múmias aparece no "Catálogo do Museu de St. Louis" em 1856, e depois, em 1863 no "Catálogo do Museu de Chicago", pág. 42, em que estão descritas duas múmias "conservadas pela mãe do Profeta até sua morte, quando os herdeiros as venderam, e pouco depois foram adquiridas para o museu."

Um grande incêndio destruiu grande parte de Chicago em 1871, e presumia-se que as múmias e os manuscritos haviam sido destruídos pelo fogo, apesar de que os catálogos de 1856 e 1863 não faziam referência alguma sôbre as duas outras múmias ou manuscritos. Informações sôbre estas duas outras bem como sôbre os restantes manuscritos utilizados pelo Profeta bem poderão aparecer algum dia.

O Museu Metropolitano de Nova York tomou conhecimento da coleção recém-achada pelo Dr. Atiya no ano de 1918. Aparentemente o Sr. A. Coombs não se desfez de todos os itens adquiridos de Emma Smith Bidamon, pois nêsse ano, uma certa sra. Alice C. Heusser de Brooklyn, Nova York, apresentou os papiros e o documento assinado por Emma Smith ao Museu Metropolitano para serem avaliados. A sra. Heusser era filha da governanta do sr. A. Coombs. Contudo o museu não os comprou naquela ocasião, mas sim em 1947 quando lhes foram vendidos por Edward Heusser, marido de Alice. Desde então os papiros estavam nos arquivos do museu.

Assim, estava armado o cenário para a invulgar descoberta do Dr. Atiya. Êsses fragmentos de papiros, apenas parte dos possuídos por Joseph Smith, voltaram agora às mãos da Igreja. São um testemunho extraordinàriamente poderoso e tangível da veracidade do que o Profeta contou em palavras claras e simples — que tivera em mãos alguns papiros originais e parte dos quais utilizou para produzir o Livro de Abraão da Pérola de Grande Valor.

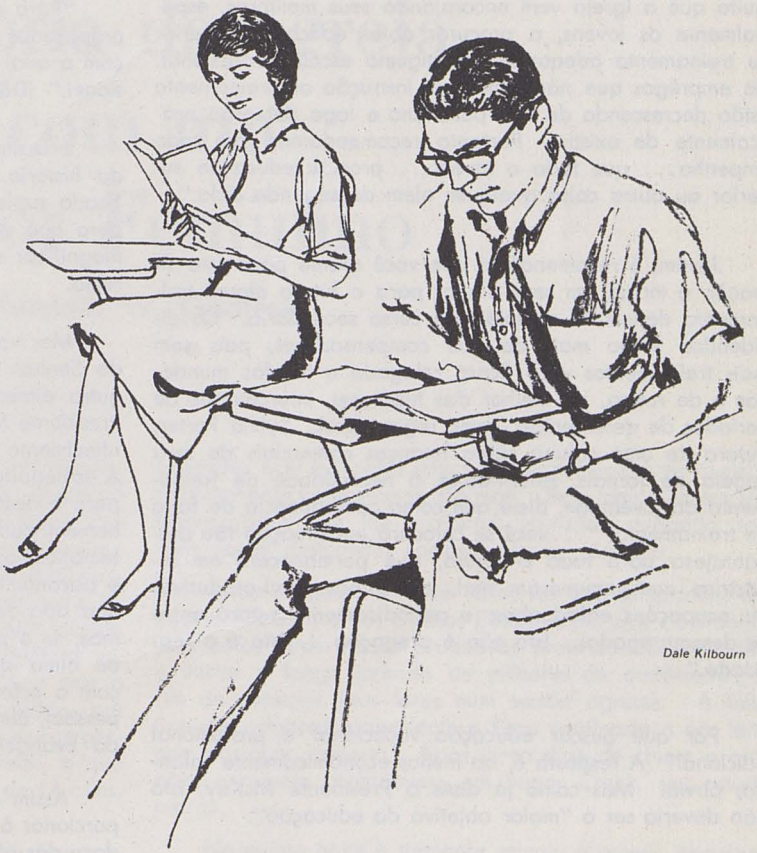
Nota: Uma vez que alguns eruditos contemporâneos contestam o parentesco de Chandler e Lebolo, continuam as pesquisas para que esta dúvida seja dirimida.

Muitas coisas da Bíblia não consigo entender; muitas coisas da Bíblia eu apenas penso ter entendido; mas existem muitas coisas na Bíblia que não posso deixar de entender.

Anônimo, citado em THE ENCYCLOPEDIA OF RELIGIOUS QUOTATIONS (Revell)

Bispado Presidente

O Bispo Presidente Fala à Juventude Sôbre a Educação



Dale Kilbourn

Bispo John H. Vandenberg

Bispo Presidente

Todos os que têm meditado sôbre a arte de governar a humanidade, estão convencidos de que o destino dos impérios depende da educação da juventude." São palavras do antigo filósofo grego, Aristóteles, referindo-se à posição vital ocupada pela educação em sua época.

Nos dias atuais há uma faceta da educação que assume importância maior do que jamais teve em qualquer época. Estamo-nos referindo, é claro, à necessidade da educação para poder proporcionar o bem-estar econômico à família que irão formar futuramente.

Com referência a essa faceta da educação, Presidente McKay disse: "Os alunos freqüentam a escola principalmente para obter vantagens econômicas ou sociais. Mas nem sempre êsse alvo é atingido, nem é e nem deveria ser o maior objetivo da educação. Contudo, não devemos subestimar o valor de obter educação para prover a subsistência. A educação para conseguir progresso econômico é um bom investimento tanto para o indivíduo quanto para o estado." (Ideais do Evangelho, pág. 429)

A educação, nesta era teconológica, tornou-se um pré-requisito para a maior porcentagem de oportunidades quanto a emprêgos. As tarefas que antigamente requeriam apenas trabalho braçal são agora desempenhadas por máquinas.

Muitas pessoas, ao terminarem o segundo ciclo tiveram que encarar a dura realidade de que para obter um emprêgo que satisfizesse suas exigências necessitariam de treinamento vocacional ou profissional adicional. Em vista desta situação, a Primeira Presidência aconselhou: "Há muito que a Igreja vem encorajando seus membros, especialmente os jovens, a procurar obter educação superior ou treinamento adequado em alguma escola profissional. Os emprêgos que não requerem instrução ou treinamento estão decrescendo de ano para ano e logo deixarão pràticamente de existir. Portanto recomendamos com todo empenho... que todo o jovem... procure educação superior ou outra coisa qualquer além do segundo ciclo."

Jovem, é recomendável que você atente para esta situação e inclua em seus planos para o futuro algum treinamento depois de completar o curso secundário. Os dividendos serão mais do que compensadores, pois sem mais treinamentos você ficará relegado a tarefas mundanas e de rotina, na melhor das hipóteses, intercaladas de períodos de desemprêgo, como regra geral. Sylvia Porter, autora de uma coluna sôbre finanças comerciais de uma cadeia de jornais, referindo-se à necessidade de treinamento da juventude, disse que como conseqüência da falta de treinamento, "...você se colocará em situação tão desvantajosa para todo o futuro, que permanecerá em indústrias que remuneram mal, em usinas semi-produtivas ou ocupações enfadonhas, e periòdicamente estará entre os desempregados. Isto não é pregação... Isto é a realidade."

Por que buscar educação vocacional e profissional adicional? A resposta é, ao menos econômicamente falando, óbvia. Mas como já disse o Presidente McKay, isto não deveria ser o "maior objetivo da educação".

Necessitamos apenas de breve pausa e voltar um olhar para os grandes homens que tem influenciado a história e chegarmos à mesma conclusão de Aristóteles — que a educação é a chave para as realizações. Quer voltemos o olhar para o Cristo adolescente junto aos anciãos no templo, ou Moisés na côrte real onde "foi educado em tôda a ciência dos egípcios", ou Paulo, buscando ensinamentos "aos pés de Gamaliel", sempre veremos a importância da educação sendo realçada.

Quais seriam, então, alguns dêsses objetivos mais elevados? Citaremos novamente o que disse o Presidente McKay: "O caráter é o alvo da verdadeira educação; e as ciências, a história e a literatura são apenas os meios usados para se atingir êsse alvo." O Senhor mencionou um alvo semelhante da educação quando declarou numa revelação a Joseph Smith: "E vos dou o mandamento de que ensineis a doutrina do reino uns aos outros.

"Ensinai diligentemente e a Minha graça vos atenderá, para que sejais instruídos mais perfeitamente em teoria, em princípio, em doutrina, na lei do evangelho, e em tôdas as coisas que pertencem ao reino de Deus, e que vos é conveniente compreender;

"Tanto nas coisas dos céus como da terra, e debaixo da terra; coisas que existiram, que existem, e coisas que logo acontecerão; coisas daqui, e de além-mar; quanto às guerras e perplexidades das nações, e quanto aos julgamentos que estão sôbre a terra; e um conhecimento também de nações e reinos —

"Para que, quando Eu vos enviar outra vez, estejais preparados em tôdas as coisas, para magnificar o chamado com o qual vos chamei, e a missão com a qual vos comissionei." (D&C 88:77-80)

E assim, conforme as palavras do Senhor, o estudo da história, matemática, línguas, etc., adquire um significado suplementar para a juventude SUD. O Senhor espera que vocês sejam bem instruídos a fim de conseguir magnificar suas missões e chamados na construção de seu reino.

Mas vocês não serão capazes de realizar o propósito do Senhor se sòmente adquirirem conhecimentos; há uma outra dimensão a considerar. E esta é acentuada pelo Presidente McKay da seguinte forma: "Contudo, obter conhecimento é uma coisa, aplicá-lo é outra bem diferente. A sabedoria é a aplicação correta do conhecimento... para o desenvolvimento de um caráter nobre e divino. Um homem pode ter profundo conhecimento de história e matemática; pode ser uma autoridade em psicologia, biologia e astronomia; pode saber tudo (sôbre o que quer que tenha sido descoberto) quanto às ciências gerais e naturais; mas, se a par dêstes conhecimentos não possuir a nobreza de alma que lhe possibilite haver-se corretamente para com o próximo, praticar a virtude e a santidade na vida pessoal, êle não é um homem realmente educado." (Ideais do Evangelho, pág. 440)

Assim pois, a educação é o elemento que pode proporcionar às nossas vidas, se aplicada corretamente, a mais doce das alegrias — a obtenção da qual, citando o Profeta Lehi, é o propósito da experiência da mortalidade do homem.

Jovens, sejam os rapazes do Sacerdócio Aarônico ou as moças, busquem a educação — "...adquiram sabedoria." A verdadeira educação é sensata econômicamente e uma necessidade espiritual. E parafraseando Aristóteles, o destino do reino de Deus depende da "verdadeira" educação dos jovens da Igreja.



História da Igreja com um Sabor Feminino

Kenneth W. Godfrey

Provàvelmente por ser centralizada no sacerdócio, muitos excelentes professores da Igreja, esquecem os grandes vultos femininos que influiram na história dos santos dos últimos dias. É verdade que os profetas causaram o maior efeito sôbre a Igreja e seus membros, contudo mães silenciosas e abnegadas exercem profunda influência no lar. É difícil imaginar Joseph F. Smith tornando-se um apóstolo sem uma mãe como Mary Fielding, ou Heber J. Grant lograr seu chamado como profeta sem o treinamento recebido no lar de uma viuva devotada, sua mãe. A mãe de Joseph Smith foi uma das primeiras pessoas que acreditaram na história da Primeira Visão, o que deve ter confortado sobremaneira aquêle rapaz de 14 anos.

Quando os líderes da Igreja são escolhidos, freqüentemente são pesados tanto as suas grandes qualidades quanto o tipo de espôsa que têm. Por isso torna-se importante que todos os professores de história da Igreja dêem ênfase ao profundo impacto causado na Igreja e seus líderes pelas grandes mães e espôsas mórmons.

Muitos santos dos últimos dias têm renunciado à fama, fortuna e segurança pela Igreja. A espôsa de Orson Spencer, formada em curso superior, foi banida do círculo de amizades que mantinha com pessoas proeminentes quando pùblicamente confessou-se mórmon. Seus pais ficaram tão amargurados que lhe proibiram visitá-los, avisando que nem siquer desejavam corresponder-se com ela.

Então chegou o ano de 1846, um ano de grandes decisões. Os Santos dos Últimos Dias tiveram que abandonar seus belos lares e suas produtivas propriedades agrícolas e iniciar a longa jornada de milhares de quilômetros, a fim de construir seus lares num sertão agreste. A Irmã Spencer adoeceu gravemente e ficou confinada a seu leito num carroção coberto. Após cinco dias de chuva e granizo, enquanto acampavam em Sugar Creek, seu estado piorou.

Na quinta noite a tormenta atingiu o auge. Pequenas torrentes de água escorriam dos furos da lona estendida sôbre o carro, e amigas bondosas ficaram a segurar vasilhas sôbre a mulher enfêrma aparando a água a fim de evitar que ficasse encharcada.

Na manhã seguinte chegou ao acampamento um mensageiro de Nauvoo, trazendo uma carta para Orson Spencer. Élder Spencer escrevera, anteriormente, aos pais de sua espôsa, informando-os da enfermidade dela e pedindo que lhe permitissem permanecer com êles até que

recuperasse a saúde. A carta trazida pelo mensageiro continha a resposta. Alí, no frio, na lama, no descampado e gravemente enfêrma, sua espôsa ouviu a resposta. Diziam que seria bemvinda caso renunciasse à sua fé. Se recusasse, não haveria lugar para ela em seu lar.

A Irmã Spencer ouviu a leitura da carta sem murmurar uma palavra siquer. Quando seu marido terminou, voltou-se para êle e pediu-lhe, com voz muito fraca, que pegasse a Bíblia e lesse em voz alta o décimo sexto verso do primeiro capítulo de Rute. Obedecendo, leu: "Disse, porém, Rute:

"Não me instes para que te deixe, e me afaste de ao pé de ti: porque onde quer que tu fores irei eu, e onde quer que pousares à noite, ali pousarei eu; o teu povo é o meu povo, o teu Deus é o meu Deus;"

Quando terminou a leitura, um sorriso tranquilo e cheio de paz espraiou-se sôbre o belo e refinado rosto de sua espôsa. Suas pálpebras baixaram e caiu num sono doce e tranquilo. Estava morta. Mas a sua fé amparou Elder Spencer, e recordar sua história poderá ajudar a muitas jovens santos dos últimos dias ao terem que tomar importantes decisões nêste mundo do século vinte.

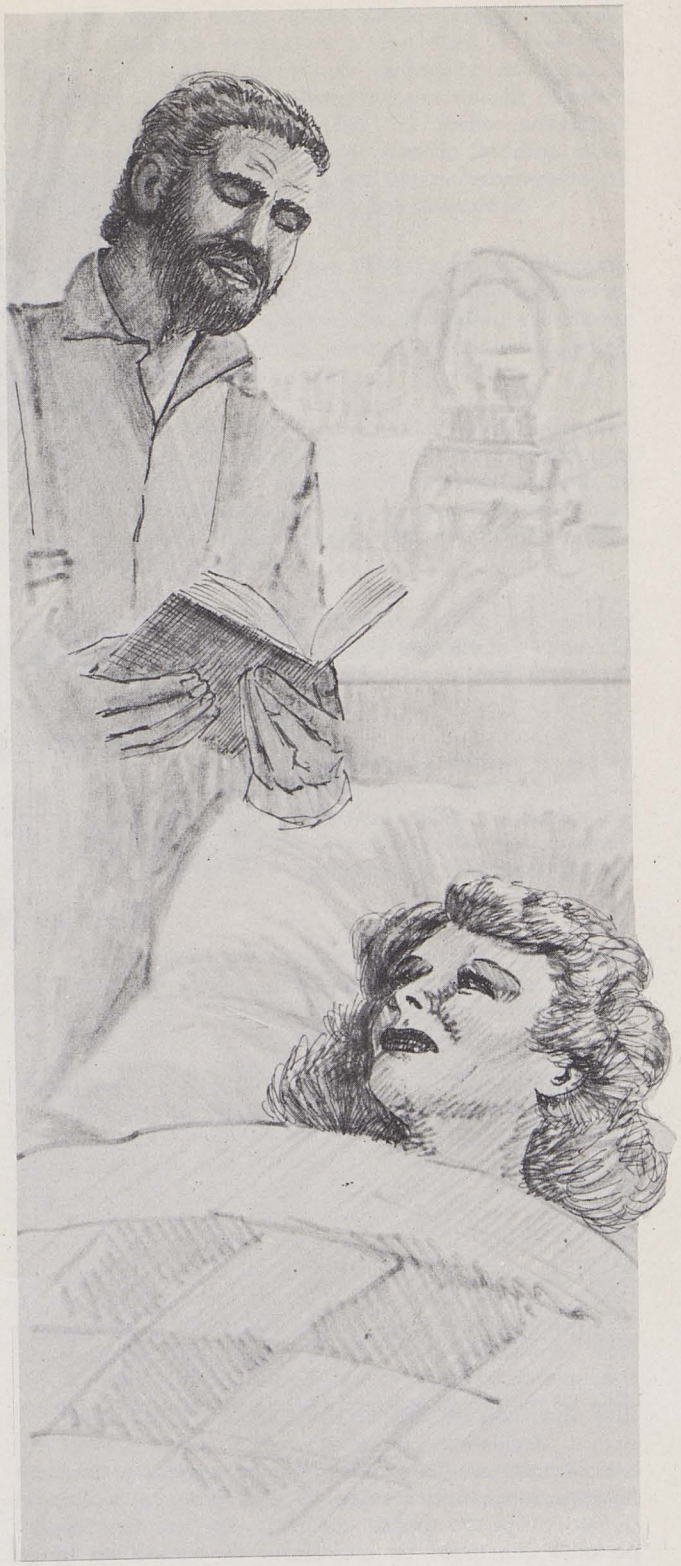
Zina D. Huntington, presidente da Sociedade de Socorro da Igreja durante muitos anos, foi tida como um exemplo perfeito dos ensinamentos de Paulo em Coríntios cap. 13 entretanto apesar de tôda a ternura e apurada delicadeza de seu motivos e atos, possuia uma fortaleza inflexível que formava a parte heróica de seu caráter. Conta-se sôbre ela que em certa ocasião alguém lhe contou que uma certa senhora não a apreciava, ao que replicou, "Bem, mas eu a amo, e ela não pode impedi-lo."

Outro exemplo de coragem da mulher mórmon foi Tia Jane James, empregada de Joseph Smith. Ao saber da morte dêste, declarou que desejava morrer também. Mas os mestres familiares disseram-lhe que isto não estaria de acôrdo com os desejos de Joseph Smith. Convencendo-se disso, viajou para Salt Lake City e tornou-se um membro respeitado da comunidade. As autoridades da Igreja, de fato, destinaram-lhe uma cadeira especial, forrada de veludo vermelho, e colocada em lugar de destaque para que pudesse assistir às conferências. Seu amor pelo Profeta não tinha limites e observou freqüentemente que êle havia sido o melhor homem que jamais conhecera.

No Vale de Salt Lake, as mulheres continuaram a desempenhar um papel importante na vida mórmon. Leah Ivins Cardon, filha de Anthony W. Ivins, conta um incidente ocorrido enquanto vivia no México com seus pais. Diz que a mais emocionante estória de sua infância envolve uma jovem que ficou de pé sôbre carvões em brasa sem um murmúrio siquer até que seus pés enegreceram e retorceram-se com as queimaduras, em lugar de trair seu namorado e entregá-lo ao exército mexicano.

Conta também como sua tia Maggie Bentley recebeu uma criança de colo e seus quatro irmãos e irmãs em seu lar e em seu coração após a morte da mãe, "Tia Gladys". Em vez de seis, havia agora onze na família. Dois mêses mais tarde, subiu a íngreme ladeira até o cume do monte tendo a seu lado no carro o pequeno esquife branco com seu próprio filhinho, e em seus braços o bebê de "Tia Gladys".

A espôsa de George Q. Cannon preservou o corpo de seu primogênito até que pudesse ser trazido de São Francisco para ser enterrado em Sião. Então, durante a viagem a Salt Lake City, seu segundo filho, ainda um bebê,



"Não me instes para que te deixe, e me afaste de ao pé de ti: porque onde quer que tu fôres irei eu, e onde quer que pousares à noite, ali pousarei eu; o teu povo é o meu povo, o teu Deus é o meu Deus." (Rt 1:16)

Ruth para você. É o que Raquel desejaria que fizesse."

Foram longe aquêle dia, e Dumah freqüentemente olhava para traz. Quando o dia já ia chegando ao fim observou uma nuvem de pó surgindo no horizonte. Imaginou que pudesse ser o pó levantado pelos pés de seu povo, mas parecia-lhe extranho que ficasse pairando no ar por tanto tempo.

Logo depois alcançaram o topo de pequena colina. À frente estendia-se larga extensão de água, encrespada levemente pela brisa vespertina e parecendo vermelha sob o sol a declinar. Às margens dela armaram o acampamento. Enquanto Maalah preparava a refeição, Dumah dirigiu-se aos limites do acampamento e examinou atentamente o caminho percorrido.

Então observou que a nuvem de pó aumentara em vez de se diluir. Outros em redor viram a mesma coisa.

Em tôda a parte levantou-se um murmurar. "Os egípcios! Estão à nossa procura para nos levar de volta!"

Desanimado, Dumah compreendeu que deveria ser a verdade. Era a única explicação plausível para a distante nuvem de pó!

Muito ao longe, ouviu o lamento de um cordeiro desgarrado. Quando já se voltava para ir em busca de Maalah e sua família, viu um pequeno vulto sair correndo do acampamento em busca da ovelha. Era a figura de uma menina. Franziu o cenho e depois sorriu debilmente. Era bem ao modo de agir de Raquel, correr de encontro ao perigo para salvar uma ovelha perdida! E então quando a menina chegou ao topo da elevação, viu-a tropeçar e cair!

Dumah correu ao encontro dela.

A nuvem de pó agora se aproximava com rapidez. Do alto da elevação pôde ver a menina ajoelhada no fundo

A nuvem de pó agora se aproxima com rapidez. Do alto da elevação pôde ver a menina ajoelhada no fundo da ravina tomando em seus braços um cordeiro bem novinho.

Como se parecia com Raquel, pensou.

Ao levantar voltou-se em sua direção e no mesmo instante gritou alegremente. "Dumah!"

"Raquel!" respondeu. Ela afinal estivera com seu povo o tempo todo!

Dumah começou a rir alto. Repentinamente a nuvem de pó não mais lhe infundia temor. Tomou o cordeiro dos braços de Raquel e juntos correram para o acampamento. Então a coluna de nuvens protetora se interpôs entre o acampamento israelita e os soldados egípcios. Durante a noite inteira, forte vento vindo da banda oriental soprou sôbre as águas e quando amanheceu, Dumah e Raquel em companhia dos demais correu para a passagem no Mar Vermelho — para a terra que Jeová Deus prometera a seu povo.

Seção das Crianças

A Estrêla Dourada

Uma história real revivida por

Lucile C. Reading



Cada um de vocês irá escrever uma poesia" disse a professôra. As meninas do terceiro ano sorriram uma para a outra e curvaram-se felizes sôbre as carteiras. Os meninos ficaram com um olhar meio ressabiado a imaginar o que poderiam escrever, especialmente o Roberto.

A professôra dissera ainda que aquêle que escrevesse a melhor poesia sôbre sua mãe teria uma estrêla dourada colocada junto a seu nome no quadro negro. Roberto semicerrou seus olhos, tentando imaginar como ficaria seu nome com uma linda e brilhante estrêla dourada ao lado. Mas seu sonho logo se desfez pois tinha certeza de que nenhum trabalho seu poderia ser julgado o melhor.

Roberto olhou para a fôlha em branco que a professôra lhe entregara. Com a borracha da ponta superior de seu lápis, começou a fazer marcas no papel. Seria fácil desenhar uma estrêla, concluiu, uma porção delas; mas isto de nada valeria, em comparação com uma grande e dourada junto a seu nome no quadro negro!

Debbie levantou a mão. "Eu já terminei," exclamou, quando a professôra a chamou. "Posso ler a minha quadrinha?"

"Todos os trabalhos devem estar ter-

minados hoje às três horas da tarde. Então você poderá ser a primeira a apresentar o seu," prometeu a professôra.

Pontualmente às três, a professôra chamou Debbie que levantando-se, orgulhosa, declamou:

"As mães nos compram coisas bo-
[nitas,
Organizam festinhas e tudo mais;
Desejamos-lhes muitas felicidades,
E que nunca nos deixem, jamais."

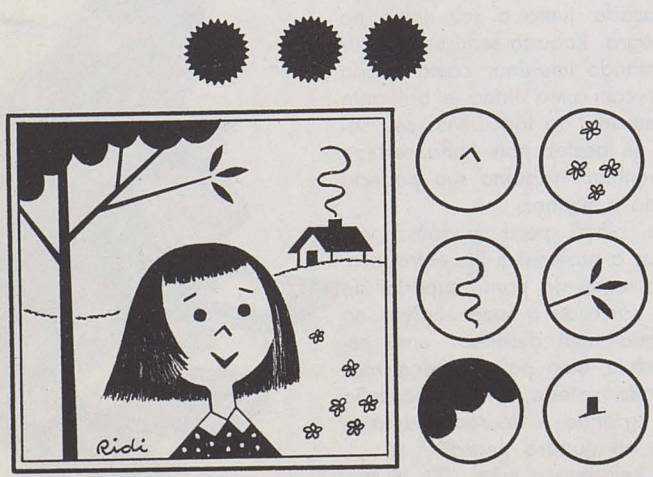
Bobby foi o seguinte:

"As mães sabem fazer de tudo,
comida, remédios, carinhos,
Brinquedos, roupas de veludo
Mas seriam verdadeiros tesouros
Se aprendessem como nós todos
A gostar de bezouros..."

Tôdas as crianças, alegremente, leram as poesias que haviam feito para suas mães, todos, menos Roberto. "Eu não sei fazer poesias," explicou, "as palavras não querem rimar." As crianças trocaram sorrisos, divertidas. "Mas eu escrevi o que sinto," continuou, e passou a ler:

"Mães... oh! as mães...
Bem, elas causam tanta dor,
Quando você não as têm."

Êle olhou em redor, encarando os colegas a espera dos risos de môfa por não saber escrever uma quadrinha. Êstes, devolveram-lhe o olhar, mas não havia riso em seus olhos. E todos do terceiro ano ficaram satisfeitos quando a professôra colocou uma estrêla, grande e dourada, no quadro negro ao lado do nome de Roberto José Martinez.



Nos seis círculos aparecem detalhes que fazem parte do quadro. Você conseguirá descobrir onde colocá-los?

Pretendia chegar até lá, chamá-la secretamente e depois fugir com ela! Mas quando tentou voltar, viu que se tornava quase impossível atravessar a multidão de israelitas caminhando em sentido contrário.

Continuou tentando até que a multidão foi rareando. Dumah correu e então —

Um carro de guerra egípcio estacou bem à sua frente.

"Onde vais, menino?" perguntou o soldado.

Dumah não respondeu. Não queria mentir e não ousava dizer a verdade.

"Vai-te embora," disse-lhe, "não vos queremos mais em Ramses. Fora convosco!"

Dumah obedeceu sabendo que nada mais poderia fazer. A maior parte do povo já se distanciara bastante e começou a ir em seu encalço.

À sua frente uma mulher jovem lutava sòzinha carregando um par de gêmeos! Admirado de como conseguira chegar até lá, Dumah apressou-se em ajudá-la.

"Esperai!" exclamou, "dai-me um dêles para carregar!"

"Por favor," murmurou ela e entregou um dos bebês a Dumah.

Caminharam, caminharam mais e mais. Quando começou a escurecer, foi passado o aviso de que iriam acampar durante a noite.

A moça, Maalah, deixou-se cair alí mesmo e Dumah sentou-se a seu lado. Pouco mais tarde, Joash, seu marido, reuniu-se a êles. Era um pastor de ovelhas e tinha muitos animais a seus cuidados. Agradeceu calorosamente o auxílio prestado por Dumah e disse, "Deixaste de ser um sem lar, menino. Agora ficarás conosco."

Assaram pão ázimo naquela noite e após comê-lo deitaram-se na areia para dormir. Dumah sentia frio e estava por demais cansado para poder dormir. Observou o vulto de um homem alto andando por entre o povo. Depois ficou parado por muito tempo, o rosto erguido para o céu e os braços cruzados. Era Moisés, Dumah o conhecia e um sentimento cálido e de reverência tomou conta dêle.

Seus pensamentos voltaram-se para Raquel e a sensação de calor se foi.

A estafante jornada para o sul recomeçou bem cedo na manhã seguinte. Dumah movia-se pesadamente carregando a pequena Ruth; sentia-se grato por ajudar ainda que pouco. As horas passam com mais lentidão quando o cansaço domina as pessoas. Paravam freqüentemente para descansar, seus olhos perscrutando a trilha procurando sinais dos perseguidores.

Na manhã seguinte Dumah acordou cedo e ficou olhando o acampamento ainda adormecido. Quanta gente, pensou — milhares — dezenas de milhares. No entanto sentia profunda tristeza por aquela que faltava.

"Dumah?"

Voltou-se e encarou Maalah e viu que ela sabia que se sentia aflito. "Não posso prosseguir," disse com vagar. "Tenho que voltar... procurar minha irmã."

"É muito tarde, agora, Dumah" replicou. "Não nos alcançarias mais caso conseguisses encontrá-la e fugir."

"Mas tenho que tentar," respondeu

"Se nos deixares, Dumah, não poderei carregar as duas crianças Meu marido tem que conduzir as ovelhas. Assim, Dumah, terás que me ajudar a decidir qual das duas devo abandonar. Rebeca? Ou a pequena Ruth que você carregou até agora?"

Dumah permaneceu sem falar por longo tempo. "Eu — eu continuarei," disse enfim. "Continuarei carregando

cenho. O sentimento de perigo e solidão pesava-lhe sôbre o coração. Êle sabia que não tardaria o dia em que os filhos de Israel deixariam as terras do Egito. Sabia também que deveria sentir alegria mas tinha muitos problemas. Agora era órfão e fazia apenas uma semana que uma família egípcia levara sua irmã, Raquel, a fim de criá-la como serva. E Dumah achava que nunca mais a veria.

O sol desaparecera e a escuridão cobria a terra. Dumah ouviu o som de um galho quebrando rio abaixo. Será que vinha alguém? Um israelita? Ou um egípcio? Debruçou-se sôbre o fogo, tentando escondê-lo. Mas logo depois um homem apareceu no barranco acima dêle enquanto encolhia-se junto ao débil fogo.

"Eh, tu! És de Israel?

Dumah ergueu-se e encarou o homem. "Sim", replicou com orgulho. "Sou de Israel. Sou Dumah, filho de Kedar, um dos que não têm teto."

"Apaga o fogo, Dumah, e vem comigo. Nenhum dos filhos de Israel deve estar fora esta noite."

Sentiu-se muito aliviado enquanto juntava areia e apagava o fogo. Depois subiu o barranco.

"Sabes onde encontrar outros sem lar?" perguntou-lhe.

"Não," respondeu Dumah.

"Esperemos que todos tenham encontrado abrigo esta noite," disse o homem." Temos que nos apressar."

Logo alcançaram pequena casa, e o homem gritou: "Abram! É Jetur."

A porta abriu-se e uma mulher israelita exclamou, "Entrem depressa."

Ao passar pela porta Dumah viu umas extranhas marcas vermelhas de cada lado e por cima da porta. Lá dentro encontrou vários meninos da sua idade. Vendo um que conhecia, Mishma, sentiu-se um pouco mais seguro. Deram-lhe comida, e comeu-a àvidamente. Enquanto mastigava, perguntou a Mishma, "Aquêles sinais vermelhos na porta, o que significam? Mishma colocou a mão sôbre o ombro de Dumah. "É o sangue do cordeiro sacrificial" disse, "e um sinal de que esta casa é de Israel e que seus moradores estão a salvo."

"Salvos de que?" perguntou Dumah.

Mishma sacudiu a cabeça. "Não sei Dumah, mas dizem que estamos prontos para deixar as terras do Egito e que esta é uma noite de grande perigo. Mas que depois desta noite, nosso povo não mais será escravo."

"Isto é bom," respondeu Dumah, mas falando com tristeza, pois a notícia chegara muito tarde para Raquel, pensou.

Reclinou-se contra a parede. Estava muito cansado. Pareceu-lhe que se passara apenas um momento quando Mishma o sacudiu.

"O que? O que há?" perguntou sonolento.

"Estamos de partida! Os egípcios estão furiosos e dizem que temos que partir."

Dumah despertou instantaneamente pondo-se de pé.

"Muito bem, meninos," disse Jetur. "Para fora, todos. Seguí o povo."

Dumah saiu apressado. Viu o povo dirigindo-se para o sul, conduzindo seus rebanhos. Ouviu seus brados alegres e começou a sentir-se excitado. Mas não conseguia sentir-se realmente feliz. E como poderia, sabendo que Raquel não participava dessa jornada para a liberdade.

O pó levantava-se no ar quando mais e mais pessoas passaram. Dumah ficou a observar a sua passagem e por muito tempo quedou imóvel. Conhecia a casa onde Raquel se encontrava.

O Duplo Presente de Paulina

Lois Anne Williams

Estava uma manhã radiosa, quando Paulina acordou. Pulou da cama, apressada, e vestiu-se ligeiro. Esta, era uma manhã especial para Paulina, pois iria com o pai comprar um presente de aniversário para sua mãe. Durante tôda a semana, Peggy ficara esperando o sábado ansiosamente, para poder comprar-lhe algo bem bonito. Agora chegara o momento esperado e logo estaria a caminho.

Paulina esgueirou-se para a cozinha e acercou-se da mãe pelas costas. Enlaçando-a pela cintura deu-lhe um abraço bem apertado.

"Oh! querida" voltou-se a mãe e deu-lhe um beijo. "Sente-se, seu lanche já está na mesa."

"Papai já está pronto para levar-me à cidade?" indagou Paulina.

"Está lidando no quintal esperando que você termine seu lanche. Vocês têm algo de especial a fazer na cidade hoje? Está-me parecendo muito misterioso," observou a mãe.

Paulina sorriu, "Bem, é uma coisa muito especial e é segrêdo também."

"Está certo," a mãe replicou rindo, "não farei mais perguntas."

A mãe estava ocupada lavando a louça enquanto Peggy comia. Quando terminou sua refeição, sua mãe disse, "querida, já terminei de lavar a louça. Você pode enxugá-la enquanto começo arrumar a casa."

"Mas papai está esperando por mim. Eu não quero enxugar a louça agora," queixou-se Paulina.

"Bem, eu pensei que você gostaria de me ajudar um pouco. Você logo acabaria e papai não se importaria de esperar, pois tem muito o que fazer lá fora até que você termine."

"Está certo," replicou Paulina, amuada, enquanto começava enxugar os pratos. Ouviu a mãe dirigir-se, apressada, para o quarto e ouviu também que cantarolava enquanto tirava o pó. Isto a fêz sentir-se encabulada por ter-se queixado sôbre o enxugar aquêles poucos pratos quando a mãe fazia suas tarefas com tanto prazer.

"De agora em diante não vou mais resmungar quando tiver que enxugar a louça," Paulina prometeu a si mesma.

Um pouco mais tarde, quando se dirigia à cidade com o pai, Paulina contou-lhe," Não tenho muito o que

gastar mas gostaria de comprar algo bem bonito para mamãe. Tenho pouco dinheiro. O que você acha, será que acharei alguma coisa bonita e barata?"

O pai refletiu por um instante. "Bem, deve haver uma porção de coisas para você escolher. Você sabe, querida, se você precisar terei prazer em ajudar," ofereceu.

"Eu sei, papai, que você poderia me ajudar, mas prefiro comprá-lo sòzinha. Parece mais um presente meu se eu o comprar só com meu dinheiro," respondeu Paulina.

"Isto é verdade," concordou o pai. "Vamos esperar até chegar à loja e logo veremos o que fazer."

Quando Paulina começou a andar pela loja, encontrou muitas coisas bonitas — mas quase tôdas custavam mais do que poderia dispor. Já começara a pensar que não encontraria nada adequado para a mãe, quando de repente viu algo que sua mãe necessitava. Poucos dias atrás ouvira sua mãe dizer que precisava de panos de prato.

"Veja, papai, aquelas bonitas toalhas são exatamente o que mamãe precisa."

"É uma boa idéia. Você poderá comprar três e ainda lhe sobrará dinheiro para um belo cartão para acompanhá-las."

Paulina teve uma idéia. "Comprarei os panos de prato, mas não preciso do cartão. Vou desenhar um cartão todo especial. Pois êste não será o único presente que vou dar."

O pai olhou-a, surprêso, "Não entendo o que você quer dizer."

Paulina contou-lhe então o seu segrêdo, e êle achou que era uma boa idéia.

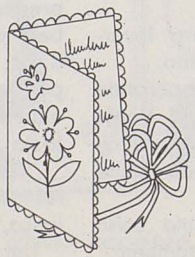
Na manhã seguinte quando Paulina desceu para a primeira refeição, trazia um pacote. "Feliz aniversário", desejou quando abraçou a mãe com especial carinho. "Isto é para você" acrescentou, entregando-lhe o pacote.

A mãe desembrulhou o presente e encontrou três lindos panos de prato. "É exatamente o que eu desejava" exclamou, enquanto pegou o cartão e lia a mensagem que Paulina escrevera. "Bem, e isto também é exatamente o que eu queria, querida." No cartão, que a mãe lera, estava escrito:

FELIZ ANIVERSÁRIO, MAMÃE

e prometo enxugar a
louça alegremente,

sua
Paulina



Esta é a história de um menino que poderia ter vivido na época do grande êxodo do Egito.

Dumah de Israel

Leland G. Griffin



Dumah acendera sua pequena fogueira às margens dum pequeno regato, e agachou-se ao lado dêle, aconchegando os trajes rotos para defender-se contra a friagem noturna.

Estava bem escondido por densa vegetação de altos juncos e o som do coaxar das rãs entre os caniços era a única coisa que podia ouvir.

O menino, junto ao fogo, franziu o

faleceu. Ambas as crianças foram trazidas ao vale e enterradas com muito pesar. Contudo, sua fé não vacilou e continuou sua vida para dar à luz a mais filhos e criar uma bela família.

Elizabeth I. Pulsipher, que cruzou as planícies quando tinha 12 anos, narra suas experiências da seguinte forma:

"Subimos o rio Missouri até Fort Leavenworth, onde encontramos as juntas de bois. Não me recordo quantos dias viajáramos quando minha mãe foi atropelada. Ela debruçara-se para fora do carro a fim de chamar meu pai para que pegasse o bebê, pois o condutor pediu-lhe que descesse, quando seus pés escorregaram e ela foi atropelada, ficando gravemente ferida. Após o acidente, continuamos a viagem por mais quatro dias. Ao chegarmos a Fort Laramie, colocaram-na numa velha cabana de troncos, sem porta e janelas. Ali fiquei com a mãe desamparada, um bebê doente e tôdas as outras crianças para cuidar. Éramos sete. Não obstante ter sòmente 12 anos, passei quase tôdas as noites acordada com o bebê doente. Meu pai tinha que trabalhar no forte para poder nos alimentar...

"Contudo, eu estou certa de que o Senhor estava conosco e nos abençoou."

Vários gentios tentaram persuadir meu pai a desistir da viagem a Sião e retornar com êles a Omaha. Na noit anterior ao dia em que deveriam partir, Mãe Pulsiphe teve um sonho, ou visão, em que um homem de pé ao lado de seu leito ordenou-lhe que não voltasse, mas continuasse sua viagem para Sião.

Disse-lhe que no dia seguinte partiriam dois comboios de carros de boi e que um dêles conduziria a família inteira a Salt Lake City.

Quando chegou o carro que deveria levar a família de volta a Omaha, minha mãe afirmou categòricamente que ela não iria. O primeiro comboio chegou mas estava por demais carregado e não pôde levar a família. O comandante do seguinte disse o mesmo a meu pai. Mas minha mãe replicou apenas, "Nós iremos."

Finalmente, um carro voltou e a família tão provada partiu em busca de seu lar nas montanhas. Minha mãe ainda estava tão doente devido aos ferimentos que a viagem se tornou muito difícil. Elizabeth tinha que segurar sua irmãzinha, gravemente enfêrma, e que faleceu no terceiro dia. Banhar o corpinho inerme, vestí-lo e costurar o pano que o envolvia, pois não havia um caixão em que pudesse ser enterrado, foi a tarefa de Elizabeth, ainda uma adolescente. Pela primeira vez desde o acidente, a mãe levantou-se e andou até a pequena sepultura, e após o funeral continuou andando o resto do percurso até o vale.

Outro episódio interessante da nossa história prende-se às dificuldades enfrentadas por Mary Fielding Smith após a morte de seu marido Hyrum Smith e a partida dos santos para a Grande Bacia. Certo dia, seu filho Joseph F. Smith, ainda um rapaz, achava-se no quarto do andar superior da sua casa em Nauvoo e pelo qual passava a chaminé da estufa da sala, o que lhe permitia ouvir distintamente o que lá se falava.

O menino sabia que seu irmão John partira secretamente, ou pelo menos, sem alarde, com a primeira leva de refugiados em companhia de Heber C. Kimball. Sabia também que sua mãe o seguiria com sua pequena família, mais cêdo ou mais tarde. Mas sobressaltava-se ao ouvir seu tio William Smith levantar a voz, irado com sua adorada mãe por ter permitido que John partisse secretamente.

O rapaz ouviu seu tio exigir a volta do filho do patriarca; como sua mãe recusou serena mas firmemente, sua linguagem tornou-se ofensiva e o menino desejou ardentemente ser adulto para defender sua mãe indefesa. Ainda assim, Mary Fielding Smith permaneceu firme e inabalável em sua fidelidade ao evangelho e aceitou sem questionar a sucessão dos Doze na liderança da Igreja.

Mary Ann Stearnes Pratt relata que enquanto vivia em Kirtland, Ohio, viu as múmias egípcias, "Quando as vi" disse ela "fiquei apavorada — tinham uma côr escura e eram duras como metal, e o tecido que as envolvia estava tão petrificado quanto os corpos."

A Irmã Pratt também declarou que o canto congregacional era o que mais apreciava nas reuniões devocionais do dia de Sábado, enquanto criança. Hinos, tais como "Tal Como um Facho," "Alegres Cantemos," e "Cantando Louvamos," eram-nos tão familiares quanto o ar que respirava e eram cantados de cor.

Falando de música, a maior cantora em Nauvoo foi Susan Devine, e uma das mais famosas compositoras de hinos foi Eliza R. Snow, uma mulher muito talentosa.

Entre as cantoras da Igreja, destaca-se Emma Lucy Gates. Internacionalmente famosa, seu talento a colocou entre os maiores sopranos que o mundo já produziu. Alcançando além de três oitavas, seus tons argênteos eram puros e "claros como o trinado dos pássaros". Ela se distinguiu por ter sido a primeira cantora de Utah que atingiu a ópera dramática. Foi prima-dona da Ópera Real de Berlim e de Cassel.

Entre as instrumentalistas femininas que alcançaram lugar destacado estão, Sybella Clayton, pianista e Romania Hyde, violinista. A Irmã Clayton estudou na Alemanha e diziam que ao piano tinha um toque quase masculino aliado a uma delicadeza de expressão quase que inigualada na época.

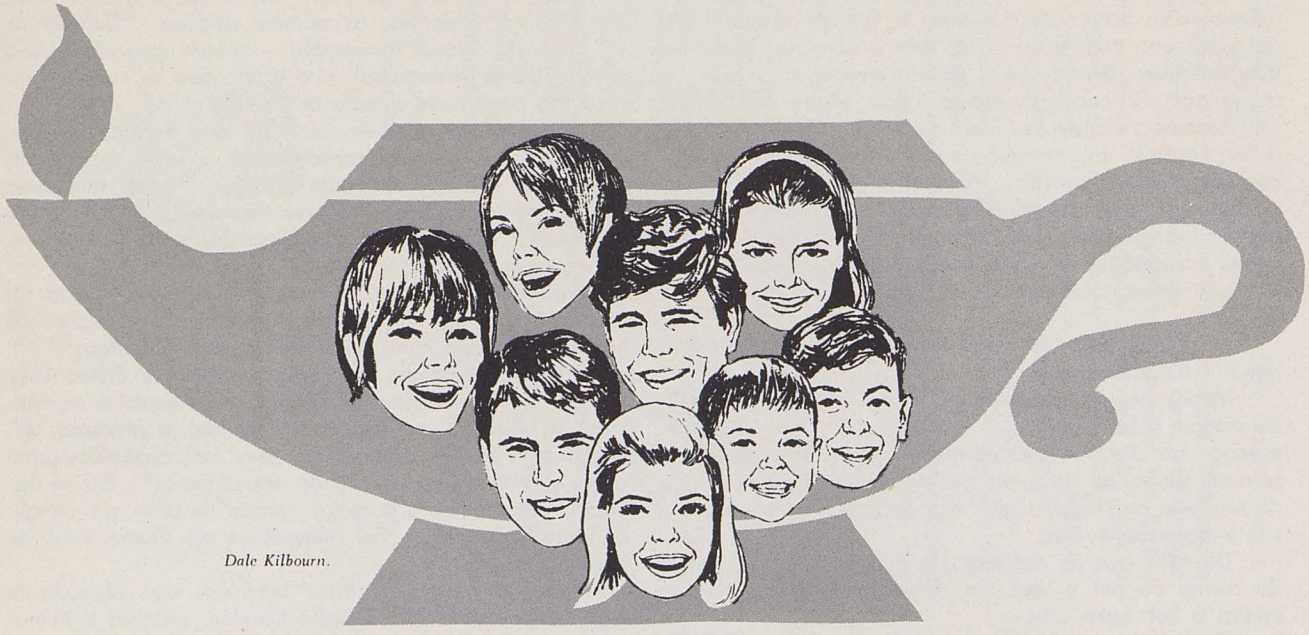
As mulheres também participaram da história mórmon no que tange às artes teatrais. Intérpretes tais como Edith Clawson, Lottie Claridge e Birdie Cummings alegraram inúmeras noites frias de inverno dos habitantes de Salt Lake City com seus magníficos desempenhos. E os mórmons acorreram em massa para apreciar atrizes famosas como Julia Dean Hayne, para quem Brigham Young mandou construir um trenó especial que tinha que ser puxado por seis cavalos. A famosa Maude Adams roubou não sòmente muitas cenas mas também os corações dos moradores de Salt Lake.

Torna-se patente que o professor que se lembrar do papel das mulheres no progresso da Igreja poderá dar vida a suas lições contemplando sua história através dos olhos delas.

Torna-se fácil identificarmo-nos com nossas mulheres pioneiras ao ouvirmos sôbre os sacrifícios voluntários feitos por amor do evangelho. Podemos observar uma fé forte e duradoura no Salvador. Podemos visualizar como enfrentaram a morte, a dor e a solidão, as superaram e voltaram a arrostá-las por devotamento a uma causa que sabiam ser justa. Podemos captar um vislumbre da alegria das danças dos pioneiros após um dia exaustivo na lavoura, da felicidade de um nascimento, o contentamento e pesar ao partir um pai ou filho para a missão.

E quando acabamos e a lição foi dada, notamos que a nossa própria vida está mudada e que nós também temos mais fé e firmeza.

ESCOLA DOMINICAL



Dale Kilbourn.

Devido às descobertas de destacados pesquisadores no campo da piscologia educacional, os professôres estão começando a perceber que um aluno não é apenas um vaso a ser enchido, mas sim...

Uma Lâmpada a ser Acesa

Linn F. Stoddard

Através dos anos os homens têm procurado resolver esta questão:

"Qual é o tipo de ensino necessário para causar mudanças para o bem na vida dos alunos?"

Para os membros da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias esta questão é particularmente vital, porque existem muitas evidências de que não estamos sendo tão bem sucedidos quanto desejaríamos ser com o ensino dos princípios básicos do Evangelho à nossa juventude. Muitos alunos terminam os cursos da Escola Dominical sem desenvolver uma "fé vital em Deus", um testemunho ou convicção do modo de vida dos santos dos últimos dias. Muitos aspiram realizar uma missão, casar no templo, pagar integralmente o dízimo e as ofertas do jejum, viver a Palavra de Sabedoria e participar ativamente das atividades da Igreja; mas, muitos não.

De que forma poderemos transmitir a mensagem do Evangelho? Quais são os meios de criar um compromisso para com o Evangelho nas vidas de nossos jovens?

Para muitos dos nossos membros da Escola Dominical

ENSINO PARA AQUISIÇÃO DE CONHECIMENTO
(Métodos de encher o receptáculo)

O professor:

1) Usa com freqüência a preleção ou costuma ler a lição.

2) Usa diversos meios para apresentar as informações:
   a. quadros, figuras
   b. slides
   c. filmes
   d. gráficos e mapas
   e. quadro negro
   f. sinopses de fatos

3) Dá importância a que os alunos recebam e guardem as informações.
   Recorre a perguntas sôbre fatos.

4) Espera que os alunos prestem atenção

5) Usa os debates em classe para ajudar os alunos a acharem a "sua" resposta, ou a adivinharem o que "êle" pensa.

6) Acredita que o que acontecer ao aluno é responsabilidade do professor.

7) Usa disciplina "corretiva" para manter a ordem.

8) Usa perspectiva histórica.

9) Sugere que os alunos apliquem a lição à vida diária.

10) Ensina pela autoridade (falando)
    Responde diretamente as perguntas dos alunos
    Dá ênfase demais às respostas "certo-ou-errado".

ENSINO PARA PRODUÇÃO DE CONHECIMENTOS
(Métodos de acender a chama)

O professor:

1) Utiliza as lições como "matéria prima" para desenvolver significados, atitudes, compromissos e testemunho. Usa o método de solução de problemas como meio de auxiliar os membros da classe a produzir idéias experimentais.

2) Organiza recursos que possibilitem experiências de aprendizado resultantes do uso de:
   a. pessoas
   b. figuras, slides, filmes, gráficos, mapas.
   c. manuais didáticos.
   d. revistas, jornais, livros, etc.

3) Esforçar-se realmente para estimular os processos de raciocínio e criativos dos alunos. Apresenta o maior número possível de situações alternativas para serem analisadas e lança perguntas condicionais que provoquem raciocínio:
   a. O que aconteceria se...?
   b. O que poderia ter acontecido se...?

4) Promove a participação ativa e procura envolver os membros da classe.
   Pratica a democracia permitindo que a classe estabeleça os padrões de cortezia e conduta.

5) Proporciona uma análise em profundidade dos ensinamentos fazendo os alunos predizerem as possíveis conseqüências de certos comportamentos.

6) Considera cada aluno como responsável pelo seu próprio progresso e desenvolvimento.

7) Usa a técnica da disciplina preventiva para manter o interêsse e entusiasmo:
   a. prepara a aula com devoção
   b. estuda cada aluno individualmente a fim de conhecer suas necessidades
   c. envolve os alunos ativamente no aprendizado.

8) Relaciona os acontecimentos do passado com a vida cotidiana e experiências pessoais de cada indivíduo

9) Providencia lições aplicadas organizando projetos de grupo para pôr em prática princípios do Evangelho (vide "A Festa da Páscoa", A LIAHONA, Abril de 1968, p. 21)
   Faz com que os alunos apresentem os resultados de seu aprendizado pela sua aplicação.

10) Ajuda os alunos descobrirem as respostas às suas perguntas:
    a. devolvendo as perguntas à própria classe,
    b. respondendo a pergunta do aluno por meio de nova pergunta a êle dirigida.
    c. sugerindo o lugar onde as respostas poderão ser encontradas.

estivemos "enchendo o receptáculo" apenas — mas não conseguimos "acender a lâmpada". Êsses alunos freqüentaram todos os cursos, ou quase todos, e aparentemente assimilaram ou absorveram os ensinamentos; mas, ainda assim falta-lhes fé e comprometimento. De que forma, então, conseguiremos inflamar a chama íntima do testemunho?

Aquêles que têm estudado os processos do ensino-aprendizado indicam-nos novas pistas e os resultados obtidos pelas pesquisas são maravilhosamente emocionantes, pois corroboram e reforçam os princípios básicos do Evangelho. E a pesquisa deu-nos uma idéia básica e importante — que atualmente precisamos uma nova concepção de ensino baseada na compreensão de como se processa o aprendizado: **Não devemos presumir que conseguimos ensinar apenas por termos apresentado informações.**

No passado, os professores encaravam os alunos como "absorventes de conhecimento". Presumíamos que, de alguma forma, se o aluno recebera e entendera as informações, suas ações seriam afetadas de modo positivo. Agora sabemos que isto é errôneo. Diàriamente todos nós fazemos coisas que contrariam o nosso saber. Há necessidade de algo mais além de uma apresentação e debate inteligentes de informações.

Os entendidos em psicologia educacional sugerem que precisamos encarar o aluno como um "ser pensante" ou "produtor de conhecimento", em lugar de mero "absorvedor de conhecimento",

Esta nova visão do processo ensino-aprendizado está destinado a exercer uma profunda influência sôbre a educação das nossas crianças e jovens, no futuro. O que procuramos é um ensino que realmente modifique atitudes e crenças. O conhecido psicólogo e educador, Earl Kelley, declarou:

"...O que uma pessoa sente é mais importante do que o que ela sabe. Isto parece ser verdadeiro porque o nosso modo de sentir controla o procedimento, o que não acontece com o que sabemos."

Esqueçamos a noção de que o papel do professor é transmitir informações.
O papel do professor é organizar experiências de aprendizado.

Joias Sacramentais de Maio

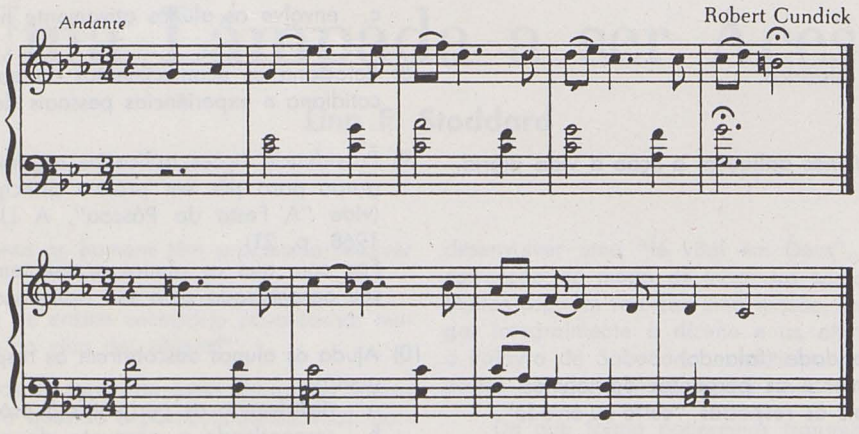
Escola Dominical Sênior

"...procurai não participar indignamente do sacramento de Cristo; esforçai-vos por fazer tôdas as coisas com dignidade." (Mórmon 9:29)

Escola Dominical Júnior

Jesus disse: "O meu mandamento é êste, que vos ameis uns aos outros, assim como eu vos amei." (João 15:12)

Acompanhamento ao Orgão para as Jóias Sacramentais de Maio



Desenvolvimento Pessoal na AMM

Ao atingirem doze anos de idade todos os meninos e meninas, não importa quem sejam, ou aonde vivam, mergulham no que será o início da idade adulta. E nesta mesma época ingressam na AMM. Ali recebem a orientação de professores e líderes que traz para suas vidas um desenvolvimento gradual de seus testemunhos e talentos individuais. Êsse treinamento os projeta como indivíduos aos olhos de seus semelhantes. Isto é uma das grandes bênçãos do Evangelho.

Elder LeGrand Richards afirmou ..."Muitos (Santos dos Últimos Dias) foram expulsos de seus lares por seus próprios pais sem outra razão senão a de filiarem à Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Sem o entendimento de como Satanás interfere nas mentes dos homens para conseguir seus intentos e destruir a obra do Senhor, tais ações não podem ser compreendidas. Os pais são capazes de acompanhar os filhos até mesmo à fôrca, e no entanto voltam-lhes as costas quando aceitam a verdade..." (Uma Obra Maravilhosa e um Assombro, p. 384)

No mesmo livro na página 378, Elder Richards cita J. Orval Ellsworth, doutor em filosofia, num artigo intitulado "O Que os Outros Pensam dos Mórmons": "...Até onde tenho observado o povo mórmon, êles superam o povo de qualquer outra parte do país com seus altos padrões de conduta pessoal... Só posso falar em têrmos da mais alta admiração, dos esforços que estão fazendo para educar seus filhos e filhas para serem homens e mulheres honestos e diligentes."

O propósito da AMM é auxiliar os pais a ensinarem seus filhos e filhas a se tornarem homens e mulheres honrados e industriosos. Para alcançá-lo as jovens percorrem na AMM um período de dez anos ou mais de desenvolvimento orientado, permanecendo dois anos nas classes das Abelhinhas (12 e 13 anos de idade), das Meninas-Moças, (14 e 15), Laureis, (16 e 17), e três anos ou mais, na das Ceifeiras (18 anos em diante). Os rapazes levam dez anos ou mais freqüentando três cursos da AMM: Vanguardas (idade: 12 a 14), Insígnias (15 a 17) e Cavalheiros (18 anos de idade em diante). Na AMM também existem classes para jovens casais e para membros mais velhos porém jovens de espírito que tenham interêsses especiais e conservam o gôsto pelo estudo.

As oportunidades oferecidas pela AMM estão à disposição de todos os jovens ativos, sejam êles membros da Igreja ou não. O membro bem como o não-membro podem participar dos trabalhos em classe e dos programas de reconhecimento em todos os grupos de idade. Na maior parte dos casos, os requisitos dos programas de reconhecimento são idênticos para ambos, a não ser quando o executivo da AMM julgou que um certo requisito pudesse entrar em conflito com a crença de um não-membro, quando então providenciou outro requisito que o substituisse.

Os trabalhos em classe e o companheirismo encontrados na AMM são destinados principalmente ao crescimento mental e espiritual do indivíduo. Futuramente outros artigos obardarão as atividades na AMM e a oportunidad de desenvolvimento dos talentos de cada pessoa.

PARA A MOÇA

Todos os grupos de idade na AMM têm um programa de reconhecimento individual pelo qual a jovem, preenchendo requisitos no decorrer do ano, pode ganhar a distinção de ser uma Abelhinha de Honra, uma Laureada, uma Ceifeira de Ouro, ou receber o prêmio Alegria. Basta conhecer apenas alguns dêsses requisitos para dar-se conta do desenvolvimento físico e espiritual que proporcionam. Informações mais detalhadas sôbre os requisitos exigidos podem ser obtidas com os respectivos professores da AMM.

As ABELHINHAS poderão ganhar os prêmios de Abelhinha-Mirim e Abelhinha de Honra preenchendo "favos". Há "favos" de nove categorias. (1) **Ter fé** não esquecendo as orações pessoais. (2) **Buscar conhecimento** lendo A LIAHONA, curso de leitura da A.M.M. para o ano 1968/69. (3) **Dar alegria,** confeccionando e oferecendo um presente de Natal. (4) **Salvaguardar a saúde,** estudando e compreendendo a seção 89 de Doutrina e Convênios (Palavra de Sabedoria). (5) **Honrar a feminilidade** sendo feminina e recatada quanto ao modo de trajar e conduta pessoal. (6) **Valorizar o trabalho** levantando-se meia hora mais cedo pela manhã e utilizando o tempo para desenvolver algum talento. (7) **Provar a doçura de servir** fazendo algo de especial para entreter crianças pequenas enquanto estiver cuidando delas. (9) **Sentir alegria** aprendendo a aceitar de boa vontade a crítica construtiva.

A MENINA-MÔÇA, ansiosa por receber o Prêmio Alegria, deverá decorar cinco Escrituras determinadas; trabalhar em seu livro de **Tesouros da Verdade** completando duas seções durante o primeiro ano e outra, durante o segundo; ler um livro da lista apresentada ou a seção para os jovens de seis números d'A LIAHONA; completar o projeto pessoal cuidando de seu quarto (arrumar a cama, guardar as roupas, manter o quarto arrumado e limpo, passar à ferro as roupas de uso pessoal); e decorar o simbolismo da "rosa" aplicando-o à sua vida.

A LAUREL para receber o prêmio "Alegria" escolherá duas "pérolas do viver" em cada trimestre e procurará vivê-las. Estas poderiam ser (1) **Pérola da beleza,** aceitando tôdas as designações e responsabilidades prazeirosamente; (2) **Pérola da sabedoria,** lendo as Escrituras e mantendo-se atualizada com os acontecimentos diários; (3) **Pérola do amor,** prestando um favor à alguém todos os dias. Apresentamos aqui sòmente uma entre as doze de cada categoria.

Os CAVALHEIROS e as CEIFEIRAS para se tornarem Cavalheiro Mestre e Ceifeira de Ouro têm que, além de levarem uma vida limpa e guardar os mandamentos, etc., realizar um número estipulado de atividades em diversos campos: (1) **Espiritual,** lecionando numa classe de qualquer organização da Igreja durante um ano. (2) **Executivo,** assumindo a direção geral de qualquer programa recreativo planejado pela ala ou estaca. (3) **Cultural,** representando a classe num debate formal. (4) **Criativo,** confeccionando três peças de roupa, sendo que uma delas deve ser um vestido, terno ou casaco. Também aqui demos apenas alguns exemplos entre os quarenta e tantos à disposição dos candidatos.

PARA OS RAPAZES

Todo rapaz, instruído pelos professores e incentivado pelos pais, pode vir a magnificar sua masculinidade na qualidade de portador do sacerdócio através da convivência diária e semanal com os Vanguardas, Insígnias ou Cavalheiros do programa da AMM.

Todos êles seguirão os programas elaborados para os respectivos grupos. Os requisitos constam dos manuais da Igreja para êsses grupos de idade e dão ao rapaz a oportunidade de desenvolver-se social, espiritual, moral e mentalmente.

O prêmio do "Dever para com Deus" é concedido aos jovens que completarem quatro anos de serviços prestados a si mesmo, à sua família e ao Pai celestial. Poderá começar seu trabalho para o preenchimento dos requisitos com a idade de 12 anos, mas deverá tê-los completados com 19 anos de idade. O prêmio do "Dever para com Deus" cabe a jovens SUD escolhidos como uma prova de que cumpriram seu "dever para com Deus" guardando o primeiro compromisso do juramento dos escoteiros: "Por minha honra farei o melhor que puder para cumprir meu dever para com Deus...". Os requisitos para a obtenção dessa distinção focalizam os padrões e ideais dos programas do Sacerdócio Aarônico, Escola Dominical e AMM-Rapazes. Entre outras coisas tem que receber o certificado de reconhecimento do Sacerdócio Aarônico; freqüentar pelo menos 75% das reuniões da Escola Dominical, 75% das reuniões semanais da AMM-Rapazes e ser um escoteiro registrado ou então, alistado num dos respectivos grupos de idade AMM.

Os líderes da AMM. são escolhidos pelo sacerdócio sob a inspiração do Senhor. Êsses líderes procuram constante orientação espiritual, estudam as lições dos cursos e dos trabalhos de reconhecimento estabelecidos. Possuem um testemunho firme do Evangelho e dirigem pelo exemplo dado.

As horas que tôdas as semanas os jovens passam sob a orientação dos líderes da AMM são horas isentas das más influências do mundo lá fora. Nossa juventude tem muito a aprender, realizar e contribuir para a humanidade. Devem manter puros suas mentes e seus corpos. Êles são os líderes do futuro.

A AMM aceita o desafio de ajudá-los a tornarem-se dignos dos chamados que receberão na Igreja, na comunidade, em seus países, e especialmente como líderes em seus próprios lares para instruir e preservar sua posteridade. Há uma AMM em quase todos os lugares do mundo, onde meio milhão de jovens estão agora recebendo constante orientação e inspiração e divertindo-se com isso.

Se houver um lugar em que a AMM ainda não existe, ela pode ser organizada. Para obter maiores detalhes, escreva para a MIA, 79 South State Street. Salt Lake City, Utah 84111, USA.



JUVENTUDE DA PROMESSA

Nada neste mundo pode unificar mais uma família que a colaboração e o sacrifício num espírito de amor, e nada pode edificar tanto êste amor quanto as experiências que se tornam...

Um Caso de Família

Rosalind Farnsworth

Tenho saudades da minha infância, pois cresci numa família maravilhosa, onde o dinheiro era escasso, mas onde havia abundância de amor e bênçãos espirituais.

As experiências familiares de que melhor recordo são as relacionadas com as atividades na Igreja. Nossos pais nunca nos mandaram, êles sempre nos levavam. Não me lembro de um domingo siquer em que meu pai ou minha mãe lá não estivessem. Fazíamos as reuniões familiares e as orações em família. Tôdas as noites antes do jantar líamos um capítulo de uma das obras padrão da Igreja.

Isto nos proporcionou mais união familiar e deu-nos uma compreensão melhor das escrituras. Como família numerosa de situação bastante humilde, tínhamos que compartilhar muitas coisas e às vêzes passarmos sem elas, mas também isso aumentou nosso amor e apreço recíprocos.

Nossas atividades na Igreja me levaram a uma das experiências mais gratas de minha vida — a de participar da responsabilidade financeira de manter um missionário. Eu gostaria de narrar esta experiência como um tributo à minha família e para contar aos outros da alegria que sentimos ao participar de uma experiência espiritual.

Eu era particularmente chegada a meu irmão mais velho, o primogênito de nossa família de nove filhos, quando partiu para missão no Extremo Oriente. Pensei que não suportaria sua ausência porque éramos tão chegados. E ainda agora eu o considero uma das pessoas mais dignas que já conheci, pelo bom exemplo que deu a seus irmãos e irmãs mais jovens. Nós sentimos por êle uma grande afeição.

Ao terminar o curso secundário, mudei-me para a cidade onde poderia empregar-me e ganhar o dinheiro necessário para cursar a faculdade. Continuei pensando em meu irmão e em meu amor por êle. E aos poucos comecei a ver que havia um meio de demonstrar na prática êsse meu amor — poderia ajudá-lo financeiramente durante sua missão. Eu planejara matricular-me na faculdade naquêle outono, mas passei a refletir e orar muito a fim de resolver o que fazer. Então, num domingo, enquanto procurava tomar uma decisão, fui assistir uma conferência da estaca em que falou o Élder S. Dilworth Young. Êle abordou o tema da nossa obrigação para com nossos pais, irmãos e irmãs quando estivessem necessitados. E ali senti que havia recebido a resposta certa. Conversei com meu pai e falei-lhe do meu desejo. Êle mostrou-se relutante em permitir que eu assumisse tal encargo e queria que continuasse os estudos, por isso garantiu-me que conseguiria arranjar-se e que a responsabilidade era sua. Expliquei-lhe que sentia ser êsse o desejo do Senhor e também o meu. Meu pai, afinal consentiu e passei a pagar a maior parte das despesas de meu irmão durante um ano de sua missão. Foi uma das minhas melhores experiências. O Senhor me abençoou de tal forma que fui capaz de enfrentar o auxílio financeiro para meu irmão e ainda economizar bastante para freqüentar a faculdade no ano seguinte.

Depois desta minha experiência cada um dos irmãos contribuiu com grande parte das despesas para a manutenção de um outro no campo missionário. Depois que meu irmão voltou, realizou-se um consêlho de família a fim de decidir a forma de enfrentar as despesas com minha admissão, pois já atingira a idade necessária. Ficou decidido que meu irmão mais velho e uma irmã mais moça se encarregariam de uma parte juntamente com uma tia e um tio que se haviam oferecido. Ao receber durante a missão êsse dinheiro tão duramente ganho, meu amor e apreço por essas pessoas tão queridas se aprofundou. Meu irmão enquanto me auxiliava freqüentava também a universidade, e minha irmã trabalhava e era missionária da estaca ao mesmo tempo.

Os dois, que a seguir, deveriam partir para a missão eram um irmão e uma irmã. Partiram com um intervalo de dois meses. Após terem partido, um membro da ala que conhecia nossa situação financeira, perguntou a meu pai, "Irmão Farnsworth, de que forma você consegue manter dois missionários ao mesmo tempo?"

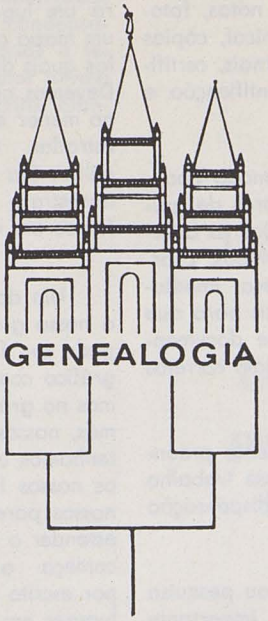
Ao que meu pai respondeu, "Temos 57 novilhas, e mesmo que tiver que me desfazer de tôdas as 57 além de tudo o mais que possuimos, nós o conseguiremos!"

Quando lhe fizeram a mesma pergunta, minha mãe respondeu, "Nós o enfrentamos aos poucos, um dia, uma semana, um mês de cada vez; e com fé e trabalho árduo havemos de conseguí-lo."

Muitas vêzes me senti tocada por sua grande fé e disposição de servir o Senhor. E isto foi um aprendizado de valor inestimável para nós, seus filhos.

Recentemente retornei a visitar meu lar e meu irmão de dez anos de idade veio correndo mostrar-me seu nôvo relógio. Não era nada de extraordinário, mas possuí-lo fazia-o sentir-se como o dono do mundo inteiro. Mais tarde perguntei à minha mãe onde êle havia arranjado o dinheiro para comprá-lo e soube que havia ajudado seu irmão mais velho enfardar feno para um fazendeiro local; havia comprado o relógio, mas a maior parte do dinheiro ganho mandara-o para os missionários. Com os olhos rasos dágua, fiquei a observar êsse irmãozinho tão jovem ainda descendo a rua, saltando alegremente, ao encontro de seus amigos. Eu tinha certeza de que nada que tivesse valor material poderia proporcionar alegria igual à que enchia meu coração naquêle instante. Tenho rezado com freqüência que um dia possa ter filhos parecidos com meus irmãos e irmãs e que eu possa ser-lhes o exemplo que meu pai e minha mãe foram para mim. Presentemente nossa família tem três membros cumprindo missão.

Não existe nêste mundo nada o que possa unir mais uma família do que o amor no lar. Nada pode desenvolver melhor êsse amor do que participar de experiências espirituais.



A Unidade Familiar

Durante as doze lições passadas chamamos a atenção dos membros da Igreja para a divina responsabilidade que temos no campo do serviço do templo. Temos procurado implantar nos corações de todos os santos dos últimos dias a doutrina revelada a Joseph Smith pelo anjo Moroni, da necessidade da "conversão dos corações dos pais aos filhos, e os corações dos filhos aos pais, para que tôda a terra não seja ferida com maldição."

Começamos nêste mês uma nova série de lições nas quais tentaremos ensinar os líderes do sacerdócio, professores e membros da Igreja de todo o lugar, a usar os recursos genealógicos disponíveis em nossos lares, nossas cidades, nossos países e na Sociedade Genealógica em Salt Lake City.

O propósito da pesquisa genealógica, no que concerne aos membros da Igreja, é identificar nossos ancestrais a ponto de sabermos quem são êles, o parentesco existente entre êles e suas famílias individuais a fim de que possamos realizar as ordenanças vicárias nos templos do Senhor para sua exaltação no Reino Celestial de nosso Pai que está nos Céus. O registro genealógico não é o objetivo da pesquisa, mas um instrumento para alcançar os propósitos divinos. A fôlha genealógica em si e por si não é o registro que o Senhor chamou de divino registro dos nossos mortos. O registro das ordenanças realizadas nos templos é o verdadeiro registro de nossos mortos. Assim pois, podemos notar a importância de os registros por nós compilados estarem tão certos e precisos quanto possível a fim de que a obra templária resulte em ordenanças corretas e válidas. Se a ordenança não estiver correta, o Senhor não lhe poderá apor seu sêlo de aprovação.

Não devemos esquecer que o gráfico não mostra famílias, mas tão sòmente nossos ascendentes diretos. Não há detalhes quanto às famílias que tinham nem o seu parentesco com os demais. A responsabilidade de cada membro da Igreja é realizar pesquisas sôbre sua linha de ascendência e depois reunir as famílias para que essas famílias formem uma cadeia familiar completa. Esta cadeia de famílias poderá ser selada formando um grupo eterno de ancestrais registrado no gráfico familiar.

Existem alguns pequenos detalhes quanto à obra genealógica que devemos ter sempre em mente. O homem é responsável pelo trabalho genealógico da sua linhagem, e sua mulher é responsável pela obra genealógica da sua. Só porque casou a mulher não ficou desobrigada quanto a esta responsabilidade. Ela na verdade não é responsável pela pesquisa da linhagem de seu marido como êste não é responsável pela pesquisa da linhagem de sua espôsa. O casamento não muda nem altera êsse privilégio sagrado.

Ao continuar trabalhando no gráfico, muitos documentos serão descobertos e que lhe darão muitas informações valiosas. Vocês poderão obter certidões de nascimento, de casamento, de óbitos, de batismos ou de crisma, e muitos mais. Preserve e guarde êsses importantes documentos pois são a prova de que você identificou com acêrto seus ascendentes diretos.

Muitas famílias organizaram um álbum familiar. Não é um registro genealógico mas sim uma coletânea da história da família. Nessa coleção foram incluídos êsses certificados importantes, não só a fim de que sejam preservados para as gerações futuras, como também como mostra do realizado para tôda a família.

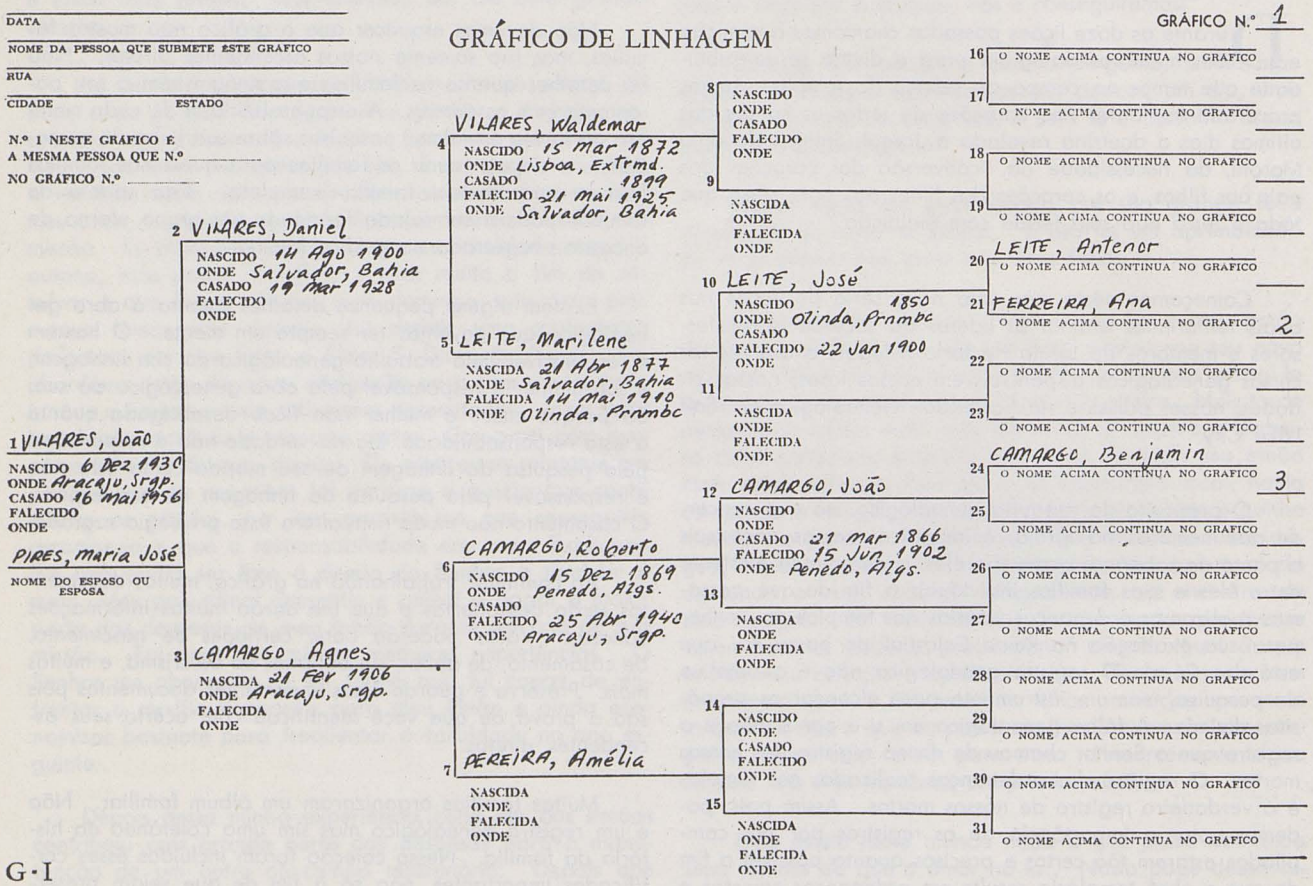
Nesta coletânea as famílias preservaram notas, fotografias, certificados, prêmios da Escola Dominical, cópias de testamentos e escrituras, etc., recortes de jornais, certificados militares e diversos documentos de identificação e realizações.

No próximo artigo explicaremos de que modo podemos utilizar os gráficos para compilar os registros de grupos familiares a fim de que possam ser efetuadas as ordenanças no templo por nossos mortos consanguíneos. Exortamos todos os santos de tôda a parte a começar imediatamente o preparo do gráfico de seus ancestrais para que o trabalho seja logo terminado e corretamente documentado a fim de que as ordenanças templárias sejam corretas e válidas.

Reproduzimos abaixo um gráfico corretamente preenchido. Note como é simples e fácil realizar êsse trabalho que Deus nos deu como um privilégio nesta dispensação da plenitude dos tempos.

Para ajudar-nos nêsse trabalho preliminar ou pesquisa genealógica, dispomos de um impresso muito importante chamado "gráfico familiar". Êste gráfico poderia ser considerado como um mapa rodoviário que nos indica de onde viemos. Antes de iniciarmos uma viagem de automóvel para um lugar desconhecido é preciso que providenciemos um mapa rodoviário e anotemos os rumos e as cidades pelas quais deveremos passar antes de chegarmos ao destino. Devemos nos certificar de que alcançaremos o lugar certo no menor espaço de tempo possível utilizando as melhores estradas. O mesmo acontece com a fôlha de gráfico familiar. Ela será o mapa rodoviário que nos leva a nossos ancestrais, mostrando-nos quem são, quando nasceram e faleceram e em que lugar ocorreram tais acontecimentos.

Um dos objetivos da pesquisa genealógica é estender o nosso gráfico tão longe quanto possível. Isso em geral pode ser feito por três meios. Primeiro, iniciamos nosso gráfico com os dados que temos pessoalmente. Registramos no gráfico tôdas as informações referentes a nós mesmos, nossos pais, nossos avós e assim por diante, até que tenhamos utilizado tôdas as informações conseguidas entre os nossos familiares. Segundo, entramos em contato com nossos parentes a fim de saber se nos poderão auxiliar a estender o gráfico. Terceiro, depois de terminar tudo isso, começa a pesquisa genealógica. Entramos em contato, por escrito ou pessoalmente, com os locais de registro dos lugares em que nossa gente viveu, onde nasceu, onde casaram e onde faleceram. Ao receber as informações, registrá-mo-las no nosso gráfico, estendemos nossa linha direta de ascendência tão longe quanto possível.



Os leitores do Livro de Mórmon estão familiarizados com a prática adotada por seus profetas, que condensavam, faziam anotações, acrescentavam comentários e selavam seus escritos para gerações futuras. O autor afirma que o livro de Isaías que possuímos e outros escritos bíblicos também atravessaram o mesmo processo.

A Partir de Cumorah

Novas Vozes do Pó

Hugh Nibley

XXIV - A Transmissão dos Registros

Sabe-se agora que tanto Isaias quanto Jeremias resumiram seus escritos e os selaram para os povos futuros tal como o fizeram também alguns profetas do Livro de Mórmon

De tôdas as divisões de Isaías, a mais amplamente aceita é a classificação tríplice, dividida conforme a própria designação de Isaías em **Palavras de Isaías** (cap. 1-35), **Relatos** (Berichte, 36-39) e novamente **Palavras** (40-66).[43]

Que êsses títulos são autênticos está implícito nas designações de seções do Livro de Mórmon com títulos antigos, como "As **Palavras** de Mórmon", "História (ou **Relato**) dos filhos de Mosíah... de acôrdo com o registro de Alma" (Nota precedente a Al. 17, itálico do autor), e "História **(Relato)** do povo de Nefi... de acôrdo com o registro de Hamã..." (Nota precedente a Al. 45; itálico do autor.) Êste é um dos problemas complexos com que os estudiosos se defrontam por tôda a parte no livro de Isaías, no qual algumas palavras podem ser consideradas como introduções ou assinaturas, denotando o início ou fim de um escrito independente inserido no texto. Quando mais não seja, o Livro de Mórmon atesta a laboriosa reformulação e reedição de partes separadas de escritos sagrados, reunidos freqüentemente sob o nome de um único profeta.

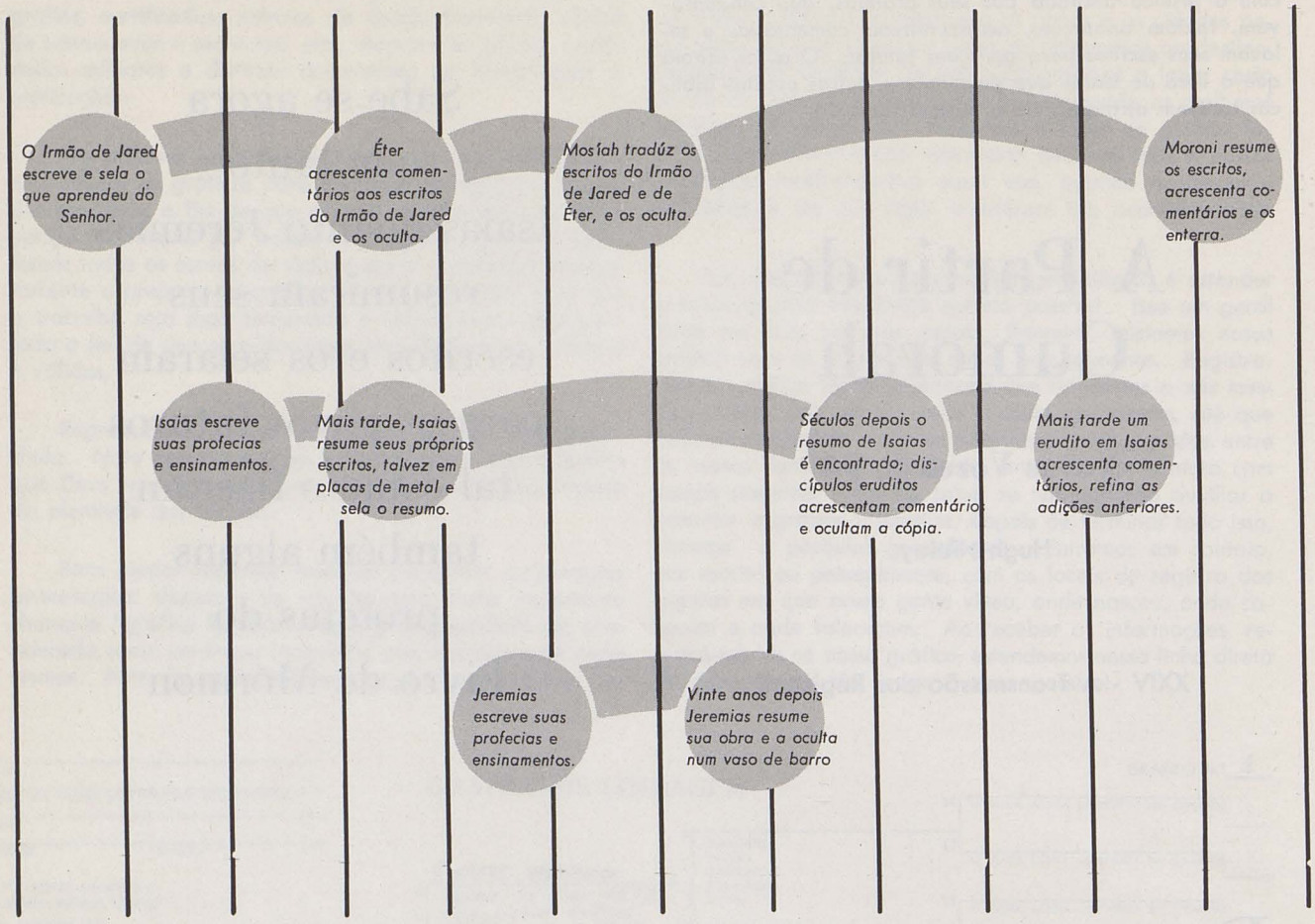
É, além disso, significativo que as únicas passagens de Isaías citadas no Livro de Mórmon sejam os capítulos 2-14 e 48-54. Isto corresponde de forma surpreendente às divisões maiores de Isaías que os estudiosos são mais acordes em aceitar, isto é, os capítulos 1-13, como coleção original de Isaías, e 49-55, como o autêntico Deutero-Isaías. Apenas essas seções são citadas no Livro de Mórmon.

Por que Nefi, apaixonado devoto que afirma ser dos escritos de Isaías, citaria apenas êsses dois blocos de seus escritos? Não será porque êsses **eram** os escritos de Isaías no tempo de Lehi? O fato de não citar o primeiro capítulo, o mais famoso de todos, sugere a teoria defendida por alguns estudiosos, de que êsse capítulo seja na verdade um resumo geral da obra, que poderia ter sido acrescentado posteriormente.[44] Mas estamos assim fazendo o mesmo jôgo que os outros, e é tempo de voltar a terreno mais firme.

A Transmissão do Registro

Se outros que não Isaías escreveram cêrca de metade das palavras de seu livro, por que não lhes conhecemos os nomes? A resposta é: devido à maneira pela qual operavam. Tratava-se (como agora se explica) dos próprios discípulos ou seguidores de Isaías, que coletaram e explicaram seus escritos sem intenção de ser originais; mantinham sempre em mente, acima de tudo, os ensinamentos do mestre. O que encontramos no livro de Isaías é uma grande quantidade de manifestações genuínas do profeta, entremeadas com outras, acrescentadas posteriormente por seus discípulos bem intencionados.[45] Todos os capítulos, inclusive os de Deutero e Trito-Isaías, contêm palavras genuínas de Isaías; e igualmente todos os capítulos, inclusive os da parte inicial do livro, contêm palavras que não são suas.

Como Eissfeldt o resume, a despeito de tôdas as divergências, existem "semelhanças estilísticas e históricas



muito fortes entre 40-55 e 56-66" e, no entanto, "a relação entre 1-39 e 40-55 é igualmente estreita... e essas semelhanças incluem até peculiaridades de expressão.[46] Reconhecendo-se a influência e as palavras do verdadeiro Isaías a permear e dominar o todo da obra, pode-se fàcilmente explicar os itens que se afastam da norma de acôrdo com uma teoria ou outra.

O próprio Livro de Mórmon, muito significativamente, evidencia por tôda a parte as reedições e manipulações sofridas pelo texto de Isaías. Os 21 capítulos citados por extenso no Livro de Mórmon aparecem com um número impressionante de adições, cortes, alterações e transposições. Baseando-se no testemunho do Livro de Mórmon, os textos de Isaías que chegaram até nós sofreram muito no prodesso de transmissão. Êsse processo vem sendo agora objeto de significativos estudos feitos por Douglas Jones, os quais podem ser proveitosamente analisados em confronto com as extensas explicações contidas no Livro de Mórmon, a respeito das formas peculiares de se preservar e transmitir registros entre os nefitas.

Jones principia mencionando que havia uma técnica especial de transmissão profética entre os antigos judeus. Isto é exemplificado pelos casos de Isaías e Jeremias. O último, quando quis transmitir a palavra da profecia a gerações futuras, (1) fêz um resumo de suas passadas profecias, a fim de "condensar mensagens proferidas em vinte anos num apanhado próprio para uma leitura única, ininterrupta"; (2) escreveu essas coisas em documento especialmente preparado e, (3) na presença de testemunhas, (4) selou-o cuidadosamente, (5) guardando-o num vaso de barro "para que pudesse durar muitos dias."[47] Isto, observa Jones, "era prática muito comum em transações comerciais", só que quando não se trata de um documento comum, mas da palavra de profecia," cada têrmo transpira significado profético."[48]

Dois séculos antes, Isaías operava da mesma forma. Preparou um resumo de seus escritos mais extensos num **gillayon,** "possìvelmente uma placa de metal polido" — de acôrdo com Jones — que selou na presença de três testemunhas e guardou, "a fim de que pudesse ser preservado para gerações futuras."[48] Ambos os profetas "registraram muitos oráculos em forma condensada, também para servirem de testemunho quando chegasse o dia que havia antes predito."[49] Êsses oráculos consistiam numa profecia única simbólica, proclamada a seus contemporâneos, mas também escrita e testemunhada para que o povo de uma geração futura pudesse ver no seu cumprimento a obra de Jeová." Por isso era necessário selar o registro "a fim de que não fôsse adulterado" e enterrá-lo ou confiá-lo apenas a discípulos fiéis.[50]

De imediato nos vem à mente o exemplo do Livro de Mórmon, impregnado como está de práticas comuns no Velho Mundo exatamente nos dias dêsses profetas: da mesma forma que as obras mencionadas, êsse livro é um re-

sumo de escritos muito mais extensos, gravados sôbre placas de metal, testemunhados, selados e enterrados para vir à luz como testemunha de Deus num época posterior.

Jones explica a forma atual de nosso texto de Isaías atribuindo-a, em grande parte, a três sucessivas transmissões, pelas quais teria chegado até nós. (1) A primeira **traditio,** como êle a chama, foi obra do próprio Isaías, que preparou suas placas de metal ou o que quer que fôsse e selou-as para servir de testemunho em época futura; (2) a segunda foi a apresentação dêsse registro centenas de anos mais tarde "por discípulos do período subseqüente à queda de Jerusalém." (3) A terceira **traditio** traz a marca dos comentários do "maior de todos os discípulos de Isaías, cujo trabalho, demonstra-se hoje cada vez mais, revela íntimo conhecimento dos ensinamentos do Isaías de Jerusalém." Desejando apenas transmitir a obra do mestre da forma mais clara possível, êsse discípulo acrescentou suas "reflexões sôbre a maneira maravilhosa pela qual a divina palavra tinha-se cumprido."[51]

Compare-se êsses três passos do longo processo de transmissão com o que sucede vez após outra no Livro de Mórmon. Tomemos como exemplo a mais longa tradição. Em tempos proto-históricos, o Senhor disse ao irmão de Jared (como se afirma que ordenou também a Enoque e a outros da era adâmica e patriarcal): "Escreve estas coisas e sela-as; e Eu as mostrarei aos filhos dos homens no meu devido tempo." (Éter 3:27.)

O patriarca fêz como lhe fôra dito e no devido tempo seus escritos vieram ter às mãos de Éter, que "foi e viu que as palavras do Senhor tinham sido cumpridas", depois acrescentou considerações de seu próprio punho "e terminou seu registro... e ocultou-o de tal forma que o povo de Limhi o encontrou." (Éter 15:33.) A seguir os registros foram levados ao rei Mosíah, que os traduziu, mas recebeu ordem de ocultá-los para uma geração futura. (Éter 4:1.) Centenas de anos mais tarde Moroni obteve as placas e fêz delas um resumo sucinto ("e nem a sua centésima parte eu descrevi" 15:33), acrescentando todos os tipos de comentários e explicações de seu próprio punho, após o que, relata êle, o Senhor "ordenou que as selasse; e... que selasse a sua interpretação" (4:5). Afinal, afirma, "tenho ordem de escondê-las novamente na terra." (4:3.)

Em nossa dispensação essas placas foram de nôvo trazidas à luz, com esta recomendação: "E serão mostradas a três (testemunhas)...

"E pela bôca de três testemunhas serão estabelecidas estas coisas; ...e tôdas estas coisas se apresentarão como testemunho contra o mundo no último dia." (Éter 5:3-4.) Após isto foram novamente recolhidas, com a explicação de que muitas de suas partes ainda seriam dadas a conhecer a gerações futuras.

O processo é, na íntegra, idêntico ao atribuído à transmissão do texto de Isaías. Importante é notar que nenhum dos depositários se limitou a passar os registros intatos para a frente. Cada um dos editores sucessivos **fêz** algo com o texto — resumindo, anotando, explicando, traduzindo, fazendo o possível para tornar as palavras antigas mais inteligíveis em sua própria era e para o povo que viria depois.

Uma grande parte do livro de Éter consiste nas próprias reflexões de Moroni "sôbre a forma maravilhosa pela qual a divina palavra se cumpriu", o que faz dêle uma espécie de "Deutero-Isaías" de Éter. E, no entanto, em tudo e por tudo a obra continua sendo o livro de Éter.[51a] Por que então não reconhecer o mesmo processo de transmissão com reedições periódicas, quando o sr. Jones o aponta para nós em Isaías? A presença de tais adições e alterações não desqualifica o livro como obra de Isaías, assim como a reformulação das placas de Nefi feita por Mórmon não impugna a autoria de Nefi.

Afirmou-se que os transmissores de Isaías "adaptaram as palavras do mestre a situações contemporâneas, ampliando-as e acrescentando novas predições ou oráculos."[52] E isso é exatamente o que os escritores do Livro de Mórmon fazem, a principiar por Nefi, que resume os escritos de seu pai e atualiza as palavras de todos os profetas, principalmente de Isaías: ("...pois eu interpretei muitas escrituras para **nós**...") (1 Ne. 19:22-23. Itálico do autor.) Nefi explica que sem essa sua reintegração radical, o povo nem principiaria a compreender de que os profetas estavam falando: "...as palavras de Isaías não vos são **claras,** esclarece êle com franqueza (2 Ne. 25:4; itálicos do autor), sendo escritas num jargão especial que apenas os judeus compreendem (v. 5), e que Nefi entende por conhecer seu ambiente histórico e cultural: "...eu residi em Jerusalém e conheço, portanto, as regiões de sua redondeza." (V. 6.)

Se o processo de transmissão desde o irmão de Jared a Moroni parece fabulosamente longo, há evidência de que essa prática era tão antiga e persistente no Velho Mundo como no Nôvo. Demonstrou-se que um sistema idêntico ao empregado por Isaías foi adotado por Jeremias 200 anos mais tarde. Doze anos atrás publicamos na revista "The Improvement Era", o que outras pessoas de mais autoridade já haviam confirmado: que os que selaram e ocultaram alguns dos Manuscritos do Mar Morto davam prosseguimento intencional a essa tradição e empregavam técnicas idênticas, na mesma confiança de que o registro viesse à luz como testemunha em épocas futuras.[53]

Assim, a tradição e a prática sobreviveram desde o tempo de Isaías até o fim da nação judaica. E seus antedentes remontam a eras muito anteriores a Isaías, quando a própria Tora foi depositada na arca exatamente com o propósito de servir de testemunho escrito em épocas posteriores. Em Israel a transmissão dos sagrados registros era feita de mão em mão juntamente com a própria coroa, "como foi o caso de Joás, que recebeu o **'eduth** (livro do testemunho) (II Crônicas 23:11) com a coroa, quando foi sagrado rei". O **'eduth** era "o convênio, ou as tábuas, ou o livro — uma coisa guardada e portanto palpável para servir como testemunha" e não meramente um ensinamento ou uma tradição intangível.[54] A transmissão dos registros com a coroa é um costume estabelecido no Livro de Mórmon. (Alma 34; Omni 11, 19-20; Moroni 10 etc.)

Explicando Isaías para seu povo, Nefi salienta certos pontos importantes. Diz-lhes que grande parte das palavras de Isaías está ainda para se cumprir e em qualquer época que isso ocorra elas servirão de testemunho, cada profecia cumprida garantindo a validez das que ainda não se concretizaram (2 Ne. 25:7); portanto, seus escritos são de peculiar "valor para os filhos dos homens" em geral. (V. 8.) Trata-se aqui de um processo repetitivo: "...e foram êles destruídos de geração em geração", mas nunca sem advertência (v. 9); Nefi confirma a destruição que Isaías havia há muito profetizado para seus dias (v. 10), prediz a restauração que se seguirá (v. 11) e que apenas levará a outra catástrofe, quando "Jerusalém será des-

truída novamente" (v. 14), para voltar a ser coligada, porém só "após muitas gerações" (v. 16), de forma semelhante àquela com que Israel foi retirada do Egito — pois o Êxodo é outro episódio dêsse processo repetitivo (v. 20), do qual uma longa linha de registros escritos presta testemunho, enquanto também êles vão passando de "geração em geração" (v. 22).

Portanto, Nefi é testemunha das mesmas coisas que Isaías: "E as palavras que falei servirão de testemunho contra vós..." (V. 28.) Êle junta suas palavras às do antigo profeta numa declaração comum: "pois que **êle** realmente viu o meu Redentor, assim como **eu** O vi. (2 Ne. 11:2; itálicos do autor), e faz a extraordinária declaração de que uma vez que seu irmão Jacó "também O viu... assim como eu O vi" (v. 3), Nefi, Jacó e Isaías constituem três testemunhas de seu ensinamento comum — são contemporâneos porque ensinam o mesmo princípio — de que "...tôdas as coisas que foram dadas por Deus aos homens, desde o comêço do mundo, não são mais que representações dêle." (V. 4.)

Todos os profetas ensinam o mesmo; é por essa razão que o piedoso Jarom diz não precisar se preocupar em escrever coisa alguma: "...não escreverei, porém, as coisas de minha profecia nem minhas revelações. Pois, que mais poderia eu escrever, além do que meus pais escreveram? Não revelaram êles o plano de salvação?" (Jar 2.) Estamos assim diante de uma história já relatada, uma história de eventos característicos e repetitivos, contada em linguagem padrão, com têrmos e expressões estilizados que não têm limite de tempo ou lugar.

Quando finalmente o próprio Jesus veio ter com os nefitas, revisou novamente tôda a coleção de escrituras, recomendou as palavras de Isaías (3 Ne. 23:1), preencheu os vazios do registro (vs. 8-13), corrigiu todos os erros (vs. 4,6), atualizou as escrituras dos nefitas (24:1) e então explicou **"em uma** tôdas as escrituras", como uma obra unificada. (3 Ne. 23:14,6. Itálicos do autor.) De maneira idêntica, no Nôvo Testamento, quando o Senhor apareceu aos discípulos após a ressurreição, "...expunha as Escrituras a êles. (Lucas 24:32.)

"A seguir Jesus lhes disse: São estas as palavras que eu vos disse, estando ainda convosco: que convinha se cumprisse tudo o que de mim estava escrito na lei de Moisés, e nos profetas e nos salmos.

"Então abriu-lhes o entendimento para compreenderem as Escrituras". (Lucas 24:44-45.)

Muitas vêzes se tem contestado que um acôrdo já firmado e uma história já contada deprimem e desagradam mais a mente alerta e perquiridora que a emoção de explorar o desconhecido. Mas será menos interessante uma jornada porque temos um mapa para seguir? Pelo contrário, os escoteiros não apenas aprendem mais com o mapa, como também divertem-se melhor.

Já que todos os profetas contam a mesma história (2 Ne. 9:2), qualquer um tem a liberdade de contribuir para os registros escritos com o que quer que torne a mensagem clara e inteligível. O princípio é ilustrado em todo o Livro de Mórmon e, na realidade, pela própria existência do livro — um livro que chocou o mundo com seu conceito revolucionário sôbre as escrituras como uma obra progressiva, sucetível de erros dos homens e passível de correções através do espírito de profecia.

A primeira passagem de Isaías citada no Livro de Mórmon (1 Ne. 20:1) difere radicalmente tanto da versão Masorética como da Septuaginta, que já por seu desacôrdo demonstram ter sido corrompido o texto original.[55] Mas isso não é tudo, pois a segunda edição do Livro de Mórmon contém um acréscimo não encontrado na primeira:

"saíste das águas de Judá, **ou das águas do batismo.**" Afirma-se que Parley P. Pratt teria sugerido a frase e certamente Joseph Smith a aprovou, pois aparece em tôdas as antigas edições que se seguiram à primeira. Essas palavras adicionais não apenas são permissíveis — mas necessárias.

Se a tradução é "uma exposição, nas próprias palavras do tradutor, daquilo que êle acredita que o autor tinha em mente," como o define Wilamowitz-Mellendorff, então é fato que aquela frase a respeito do batismo não pode ser omitida. Isaías não precisou dizer a seus antigos ouvintes que o que tinha em mente eram as águas do batismo, mas é importante informá-lo ao moderno leitor, que sem tal explicação não perceberia o sentido da passagem — para êle a tradução ficaria incompleta. Quando se aceita a revelação contínua e admite-se que todos os profetas falaram do mesmo assunto, isto não constitui problema algum.

Temo-nos estendido em demasia sôbre uma questão que provàvelmente permanecerá indefinida por muito tempo, mas nossa breve incursão em terreno alheio não foi desprovida de significado. Tudo indica que um estudo exaustivo do mutável problema de Isaías poderia colocar o Livro de Mórmon em posição realmente vantajosa.

A datação tanto do todo como de qualquer parte de Deutero-Isaías permanecerá incerta enquanto os especialistas não entrarem em acôrdo quanto à relação dessas partes entre si, bem como quanto à natureza, autoria ou antecedentes da obra. E enquanto ninguém apresentar prova irrefutável de que qualquer verso de Isaías citado no Livro de Mórmon **não poderia** ter sido escrito antes de 600 A.C., ou mesmo, que não tenha sido defendido por estudiosos de renome como produto de uma era mais antiga, a questão cronológica permanecerá aberta.

Por outro lado, resultados muito positivos foram conseguidos. Descobriu-se que o Livro de Mórmon leva uma grande vantagem na afirmação da unidade das Escrituras em explicação da sua diversidade geral e de Isaías em particular explicando as diversificações. Verificou-se que as práticas de transmissão dos escritos inspirados, peculiares ao Livro de Mórmon, bem como a teoria e propósito que motivaram essas práticas, são exatamente as mesmas que prevaleciam na Palestina ao tempo em que Lehi lá viveu. Deparamo-nos com uma grande tradição de unidade profética que permite a homens inspirados, de tôdas as eras, traduzir, resumir, ampliar, explicar e adaptar os escritos de seus predecessores, sem alterar uma partícula sequer do significado original ou comprometer os antigos direitos autorais. Isaías permanece Isaías, não importa quantos profetas repitam suas palavras ou a quantos outros êle esteja citando. O Livro de Mórmon esclarece isso e sua explicação parece ser a solução do problema de Isaías para a qual os estudiosos de agora mais se inclinam.[55a]

Isaías no Deserto.

É hoje amplamente reconhecido que Isaías era na verdade o cabeça de uma espécie de "escola de profetas". A existência de uma tal sociedade é indicada hoje numa

antiga obra apócrifa denominada a **Ascenção de Isaías,** na qual o profeta aparece com seus seguidores num episódio que se compara de forma interessante a uma das mais estranhas histórias do Livro de Mórmon.

"Quando Somnas, o escrivão, e Assur, o cronista, (cf. com Zoram no Livro de Mórmon) souberam que o grande profeta Isaías vinha subindo de Gilgal (próximo a Jericó e distando cêrca de 16 km de Qumran) para Jerusalém, e com êle 40 filhos dos profetas e seu próprio filho Jasum, anunciaram sua aproximação ao rei Ezequias. Ao saber disso o rei Ezequias rejubilou-se extremamente, saiu ao encontro do abençoado Isaías, tomou-o pela mão e conduziu-o até seu palácio real, ordenando que lhe fôsse trazida uma cadeira. Então o rei trouxe seu filho Manassés e suplicou que lhe conferisse uma bênção. Quando Isaías declarou que isso era impossível, devido aos fatos que já antevia, o rei ficou tão prostrado de dor e desalento que "chorou muito, rasgou suas vestes e lamentou-se amargamente... e caiu sôbre seu rosto como se estivesse morto."

Isaías, contudo, disse ao rei que isso de nada adiantaria, já que Satanás levaria a melhor com Manassés. Posteriormente, estando sentado na cama do rei conversando, o profeta foi tomado pelo Espírito "e sua consciência foi tirada dêste mundo, de forma que Somnas, o cronista, começou a dizer que Isaías estava morto. Mas quando Ezequias, o rei, veio e tomou sua mão, percebeu que não estava morto; mas êles pensaram que havia morrido... E assim ficou prostrado sôbre o leito do rei, em êxtase, durante três dias e três noites. Então seu espírito retornou ao corpo" e Isaías "conclamou Jasum seu filho, e Somnas o escrivão, e Ezequias o Rei, e todos os que estavam por perto, dignos de ouvir as coisas que havia visto." E fêz-lhe uma enlevada descrição das "insuperáveis, indescritíveis e maravilhosas obras de Deus, que é misericordioso para com o homem, e da glória do Pai, e de seu Filho amado, e do Espírito, e das hostes de santos anjos postados em seus lugares..."[56]

Vemos aqui algo muito semelhante à história de Amon na côrte do rei Lamoni (Al. 18-19), em que ambos, o rei e seu inspirado conviva, são tomados pelo Espírito e tidos como mortos, recebendo visões do glorioso plano de salvação. Também neste fragmento lemos sôbre Isaías em sua casa, entre os piedosos homens do deserto da Judéia, os "40 filhos dos profetas", evidentemente liderando algum tipo de comunidade religiosa, como Lehi e outros profetas o fariam mais tarde, no mesmo deserto, até o tempo do povo de Qumran e dos monges da Idade Média. Tais sociedades, escreve J. Eaton, "relacionavam-se essencialmente com as comunidades religiosas do judaismo posterior e do cristianismo e eram "chamadas para o encargo especial de guardar e testemunhar das revelações de Jeová confiadas em primeiro lugar a Isaías."[57]

A seção seguinte que, de acôrdo com R. H. Charles, é um fragmento do "Testamento de Isaías" que foi perdido, retrata Isaías acusado diante do rei Manassés por um falso profeta, que ganha as boas graças do rei e do povo com "palavras lisonjeiras" — o que tanto lembra o oponente do Mestre da Retidão nos Manuscritos do Mar Morto como as vicissitudes de Zenos no Livro de Mórmon. Como não consegue suportar a horrível iniqüidade de Jerusalém, Isaías volta novamente para o deserto com seus seguidores, acampando desta vez num "lugar tranqüilo e incontaminado, numa montanha", não longe de Belém e ainda muito próximo de Qumran.

Êsse afastamento para um lugar incontaminado, distante dos homens, tem antecedentes muito antigos. Existe uma tradição que H. Gressmann faz remontar ao tempo do Dilúvio e da Tôrre de Babel, nas regiões setentrionais da Mesopotamia, de que quando a terra tornou-se corrompida, a única esperança dos justos, de escapar à destruição geral que sobreviria, era fugir **in terram aliam,** que significa, de acôrdo com Schiller-Szinessy, retirar-se "para uma terra afastada, onde até então nenhuma pessoa da raça humana houvesse habitado."[58] Apenas lá poderia o justo encontrar "um lugar incontaminado e tranqüilo."

Como essa tradição é definidamente atribuída ao tempo da Tôrre de Babel e exatamente à região da qual os jareditas partiram em suas peregrinações, é pelo menos uma notável coincidência que, quando Jared e seu irmão desejaram escapar tanto da corrupção geral como da punição prometida, o Senhor lhes tenha ordenado "que se encaminhassem para o deserto, sim, para **aquela parte onde o homem nunca tinha estado."** (Éter 2:5. Itálicos do autor. (Continua)

NOTAS

43. Eissfeldt, pág. 408.
44. "Esta é a introdução programática que apresenta todos os temas principais que dominarão a disposição e expansão dos oráculos de Isaías..." D. Jones, em *Zeitschrift fur Alt-testamentliche Wissenschaft*, 67 (1955), pág. 238. L. G. Rignell argumentou que I Crônicas é definidamente mais antigo que o resto de Isaías, do qual é uma evidente adição; vide G. Fohrer, *op. cit.*, pág. 68.
45. J. Eaton, em *Vetus Testamentum*, 9 (1960), págs. 138-141, 149.
46. Eissfeldt, *op. cit.*, pág. 466.
47. Jones, *op. cit.*, págs. 227-8.
48. *Ibid.*, pág. 231. As três testemunhas foram Urias, Zacarias e o próprio Isaías, Isa. 8:2.
49. *Ibid.*, pág. 237.
50. *Ibid.*, pág. 228 seg., 236. Isaías 30:8 é um outro "registro permanente dos oráculos de Isaías para servir de testemunha de que seu plano havia sido apresentado desde o passado."
51. *Ibid.*, pág. 245.
51a. Fohrer, *op. cit.*, págs. 64-65, salienta que o conceito cada vez mais admitido de que o Livro de Isaías é obra de uma "escola" não passa na realidade de uma nova forma da antiga teoria da autoria única, já que tôda a composição dos textos foi empreendida com estrita e devota fidelidade aos ensinamentos do mestre. Êsse conceito é manifesto no Livro de Mórmon.
52. Jones, *op. cit., págs.* 240-244, mostra como isso é feito. Os discípulos sentiram-se com o direito de atualizar os nomes de cidades e indivíduos, para tornar sua pregação mais inteligível aos ouvintes contemporâneos. Fohrer, *op. cit.*, págs. 73, 240.
53. *The Improvement Era*, fevereiro de 1954, pág. 89.
54. Jones, *op. cit.*, pág. 234.
55. *The Improvement Era*, fevereiro de 1965, págs. 103 segs.
55a. Uma pesquisa exaustiva feita por C. Lindhagen (1953/4) demonstrou que a tendência atual nos estudos de Isaías se inclina para (1) um tratamento mais conservador e menos arbitrário do texto; (2) reconciliar o que aparentavam ser idéias conflitantes em Isaías; e.g., o Servo Sofredor pode-se aplicar a diversos indivíduos e grupos; e (3) admitir cada vez mais a influência das ordenanças do templo nos ensinos de Isaías; G. Fohrer, *op. cit.*, pág. 243.
56. H. Charles, *The Ascension of Isaiah* (Oxford, 1905), págs. 141-3.
57. J. Eaton, *Vetus Testamentum*, 9, pág. 149.
58. H. Gressmann, em *Archiv fur Orientforschung*, 3 (1926), pág. 12.

L.D.S. CHURCH
TRANSLATION SERVICES DEPT.
LIBRARY

Minha Mãe

Casemiro de Abreu

Da Pátria formosa distante e saudoso,
Chorando e gemendo meus cantos de dor,
Eu guardo no peito a imagem querida
Do mais verdadeiro, do mais santo amor:
— Minha Mãe! —

Nas horas caladas das noites d'estio
Sentado sòzinho co'a face na mão,
Eu choro e soluço por quem me chamava
— "Oh filho querido do meu coração!" —
— Minha Mãe! —

No berço pendente dos ramos floridos,
Em que eu pequenino feliz dormitava:
Quem é que êsse berço com todo o cuidado
Cantando cantigas alegre embalava?
— Minha Mãe! —

De noite, alta noite, quando eu já dormia,
Sonhando êsses sonhos dos anjos dos céus,
Quem é que meus lábios dormentes roçava,
Qual anjo da guarda, qual sôpro de Deus?
— Minha Mãe! —

Feliz o bom filho que pode contente
Na casa paterna de noite e de dia
Sentir as carícias do anjo de amôres,
Da estrêla brilhante que a vida nos guia!
— A Mãe! —

Por isso eu agora na terra do exílio,
Sentado sòzinho co'a face na mão,
Suspiro e soluço por quem me chamava: —
— "Oh filho querido do meu coração!"
— Minha Mãe! —